



ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A CRIANÇA COMO SUJEITO DA EXPERIÊNCIA

Francisca Eleneide Xavier Ávila

EXPEDIENTE

Autora: Francisca Eleneide Xavier Ávila

Diagramação e capa: Cris Soares

Revisão: Ivanice Montezuma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Instituto Federal do Ceará-IFCE

Sistemas de bibliotecas-SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIB/IFCE, com os dados fornecidos pelo (a) autor(a)

Ávila, Francisca Eleneide Xavier.

Artes Visuais na Educação Infantil: A criança como sujeito da experiência/ Francisca Eleneide Xavier Ávila. - 2025.

100 f.:il color.

Dissertação (Mestrado)- Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Artes, Campus Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra Antônia de Abreu Sousa.

1. Ensino. 2. Aprendizagem. 3. Artes Visuais. 4. Educação Infantil. I. Título.

CDD 700

Francisca Eleneide Xavier Ávila

ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A CRIANÇA COMO SUJEITO DA EXPERIÊNCIA




Fortaleza, CE

2024



SUMÁRIO

Apresentação.....	04
Introdução.....	05
Experiência 1: Estações do ano: imersão criativa na produção de ideias sobre o tempo e suas transformações.....	05
Experiência 2: Olhando pela janela: territórios de aprendizagem em arte na Educação Infantil.....	22
Experiência 3: Quem viu o eclipse? Proposições criativas sobre fenômenos naturais e contextos de aprendizagem em Arte.....	42
Experiência 4: Produções individuais e coletivas: imergindo no fantástico universo de Chico da Silva.....	59
Mostra de Artes Visuais: experiências estéticas pelo olhar da criança.....	75
Conclusão.....	73
Referências Bibliográficas.....	75



APRESENTAÇÃO

Olá, queridas/os professoras/es!

Este material é destinado a educadoras e educadores da infância que, como eu, buscam caminhos viáveis para ampliar o espaço da Arte na Educação Infantil, reconhecendo-a como uma área de conhecimento importante para o desenvolvimento integral das crianças.

Aqui você encontrará algumas vivências realizadas com crianças do ciclo final da Educação Infantil, com idades entre 5 e 6 anos. Essas experiências partem de contextos cotidianos, interesses e desejos infantis.

Coloco-me como uma professora artista que também se aventura pelo mundo das Artes Visuais e que se descobre em cada descoberta realizada pelas crianças, que vêm desbravando um caminho que navega entre o singular e o plural. Singular pelas minhas próprias experimentações estéticas e criativas e plural pelas possibilidades que se criam a partir do trabalho com as crianças em suas pluralidades.

Ressalto que este não é um guia com um passo a passo rumo ao sucesso das práticas pedagógicas em Arte, mas um olhar para as experiências, um debruçar sobre possibilidades de trilhar um caminho autoral com as crianças, permitindo que a identidade do grupo esteja presente no planejamento das ações, de modo que cada professor possa criar seu próprio percurso junto às crianças.

Trago reflexões acerca do processo criativo infantil, algumas obras de referência que fizeram parte do trabalho realizado com as crianças que serão elencados neste material, além de apresentar um pouco da história dos artistas, as interações das crianças com as obras, as releituras, as produções e algumas possibilidades de intervenção do (a) professor (a) como mediador(a).

ESPERO QUE GOSTEM!






INTRODUÇÃO

As vivências artísticas despertam a imaginação das crianças. As atividades que elas desenvolvem criam conexões com a sociedade no seu processo de formação, como indivíduo que questiona, pondera e interpreta o ambiente ao seu redor. Diante disso, apresentam-se algumas indagações: - como aproveitar as diferentes oportunidades no dia a dia da Educação Infantil? Como garantir que as crianças tenham experiências significativas e elaborar estratégias que despertem o interesse das crianças em seus contextos cotidianos? As respostas estão em ouvir o que elas têm a dizer e observar suas interações de perto.

Para isso, é preciso ter atenção plena e uma visão empática para identificar e compreender as relações e as expressões das crianças, o que exige que o educador esteja disposto a refletir não apenas sobre o que está sendo visto de imediato, mas analisar sua própria forma de atuar, mantendo-se receptivo à interpretação, para reconhecer as motivações que se manifestam no ato de observar. As próprias ideias do educador fazem parte desse processo de interpretação e análise da prática diária.

A instituição de ensino, por sua vez, não deve estar separada do contexto social em que se insere. A mudança na realidade dos educandos acontece quando eles entendem melhor seus contextos de vida e as diversas formas de ver o mundo. A Arte desempenha um papel fundamental nesse processo, ao estimular a percepção e o pensamento crítico dos alunos. Nas Artes Visuais, em particular, é essencial incentivar a exploração do ambiente em que vivem, por meio da linguagem visual, desde os primeiros anos da Educação Infantil.

Entendendo as questões sociais imbricadas nas situações que envolvem a aprendizagem mediada pelas linguagens artísticas que, neste caso específico, são as Artes Visuais, as experiências que fazem parte deste material, partiram de situações cotidianas que despertaram a curiosidade e interesse das crianças, ou que foram consideradas relevantes para o processo de aprendizagem. Todas as experiências aqui descritas fazem parte de minha pesquisa de mestrado Profissional em Artes, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)- Campus Fortaleza e se insere na linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Artes.



As vivências que apresento, neste material, partem do entendimento da criança como sujeito da experiência, ancorada pelos estudos de Dewey (2010). Desse modo, o sujeito da experiência, pode ser definido como aquele capaz de analisar o meio e refletir sobre si mesmo e sobre as relações que nele estabelece, e como aquele que age com autonomia e criticidade diante das situações que lhes são apresentadas, atuando como protagonista na construção do próprio aprendizado. Simultaneamente, as vivências contemplam a tríade da Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa, que consiste na contextualização histórica, na leitura de imagens e no fazer artístico. Saliento também que, conforme a própria autora orienta, essa abordagem foi utilizada de modo flexível, pois as atividades desenvolvidas com as crianças não seguiram uma ordem fixa, adaptando-se de acordo com as demandas e tempo das crianças, que devem ser sempre considerados.

Outro aspecto relevante é a adaptação do trabalho com as crianças, no qual os elementos da Abordagem Triangular são ajustados conforme a situação vivenciada por elas, resultando em uma abordagem única, que abre novas perspectivas para a compreensão do processo de aprendizagem, guiado pela proposta. As experiências que serão descritas a seguir, foram realizadas com duas turmas de Educação Infantil, no período compreendido entre os anos de 2022 e 2023. As crianças são nomeadas de modo fictício para preservar suas identidades.



ESTAÇÕES DO ANO: IMERSÃO CRIATIVA NA PRODUÇÃO DE IDEIAS SOBRE O TEMPO E SUAS TRANSFORMAÇÕES



As vivências descritas a seguir foram conduzidas com um grupo de crianças do Infantil 5 no ano de 2022 e tiveram como base, experiências relacionadas ao ambiente natural, exploração dos espaços externos da escola, questionamentos sobre o clima e o tempo e a percepção das crianças em relação à passagem do tempo. A partir dessas reflexões surgiu a proposta de criar murais coletivos abordando o tema das estações do ano. As crianças expressaram seus entendimentos sobre as estações e, em seguida, realizaram uma produção coletiva utilizando diversos materiais.

Considerando a Abordagem Triangular como uma proposta metodológica, as crianças começaram explorando visualmente o ambiente natural como ponto de partida para suas criações artísticas. Segundo Barbosa (1998), qualquer conteúdo visual ou estético pode ser explorado, interpretado e trabalhado por meio da Abordagem Triangular.

Contemplando a abordagem histórica, as crianças se dedicaram a explorar a sua própria realidade como base para suas criações artísticas. Inicialmente, imersas na construção de ideias sobre o mundo e a natureza, as crianças puderam explorar suas percepções de forma criativa. Após essa etapa, mergulharam na análise das obras da artista Nequitz Miguel, integrando saberes históricos, sociais e culturais.

No começo da aula, as crianças se agruparam ao som da música "Vai e vem das estações", do Grupo musical Palavra Cantada. O vídeo da música foi exibido para que pudessem observar as mudanças das estações de forma mais clara e visual. Em um círculo, discutimos sobre as estações como um componente importante do ciclo da vida na natureza e o clima. Primeiro pergunto quais elementos da natureza conhecem. As crianças mencionaram as árvores, água, sol, céu, areia. Com especial destaque para as árvores, pois foi um dos elementos mais citados, pergunto o que elas precisam para viver. Uma boa parte do grupo responde em uníssono: água.

Outra criança diz que elas precisam de sementes. Nesse momento, algumas crianças se posicionam concordando e afirmam que elas se alimentam de sementes. As crianças entram em uma discussão expressando suas percepções acerca dos elementos da natureza. Vou mediando o diálogo que se formou, dando espaço para que elas se expressem no grupo, ampliando seus repertórios.

Organizo o grupo para que explorem as imagens disponibilizadas na sala com relação às estações do ano. Analisando algumas figuras Pablo Luiz (5 anos) destaca a estação verão e comenta: “inglês de verão é o inglês de Vera Verão, que é o nome de uma pessoa que o nome dela é Vera Verão.” Digo que sua observação é interessante. De fato, o interessante é que ele fez uma ligação do nome da estação verão com o nome da Drag Queen Vera Verão, conhecida nos anos 1990, interpretada pelo ator Jorge Lafond. É curioso perceber que essa lembrança vem de experiências fora do ambiente escolar, o que demonstra que a criança está atenta ao que acontece ao seu redor, absorvendo as informações e expandindo seu conhecimento.

Continuando com sua análise sobre o verão, Pablo Luiz (5 anos) continua: “sabia que o sol seca as roupas?! Para a pessoa, não ficar com frio, aí o sol vem, aí ele esquenta a pessoa, aí também se não tiver fogo para colocar churrasco, o sol vem e queima para sair fogo.”

Assim, as crianças foram reconhecendo as características de cada estação ao analisar as figuras, notando as semelhanças com o clima presente no momento e recordando outras experiências que tiveram relacionadas aos elementos de cada estação. Após essa atividade, dividi as crianças em grupos para se dedicarem à criação artística. Primeiramente, as crianças fizeram a exploração dos materiais, manipulando-os e familiarizando-se com as diferentes texturas e formatos, o que se conecta com a ideia de Cunha (2023, p.28) ao afirmar que “experienciar os materiais expande a nossa compreensão histórica, social, cultural, pedagógica, cognitiva, sensorial e sensível.” Os materiais utilizados incluíram papel colorido, forminhas de brigadeiro, lápis de cor, giz de cera, papel de presente, folhas de árvores, pedaços de papel, algodão, cola e cartolina.

As crianças manifestaram grande empolgação diante dos variados materiais, demonstrando curiosidade em relação ao que viria a seguir: a produção artística. Ressalto que é importante promover a valorização e o respeito pelas opiniões de cada indivíduo durante essas atividades em grupo. As práticas artísticas proporcionam momentos de reflexão sobre o espaço do outro, a importância do tempo de cada um, a criação de laços e o estabelecimento de relações mais positivas no ambiente escolar, sempre com a mediação do professor. As trocas interpessoais são cruciais para a formação da identidade e para que a criança seja reconhecida como um ser social. Através dessas interações, as crianças vão indicando os caminhos que levam a uma aprendizagem com significado.

Depois de fazer a exploração, iniciaram a elaboração de painéis em grupo sobre as estações do ano. Visualizei as vantagens dessa colaboração como um recurso de aprendizagem, uma vez que durante esse processo as crianças interagem e constroem sua identidade de forma individual e coletiva. Nas interações, a troca de ideias e até mesmo os desacordos são elementos enriquecedores. Mesmo que inicialmente tenha relutado contra a ideia de envolver as crianças nesse tipo de atividade, entendo que como educador é necessário romper com as barreiras que nos impedem de experimentar o novo e o desafiador. Para promover conexões semelhantes às que as crianças desenvolveram em seus projetos em grupo, me apoio nas ideias de Dewey (2010, p. 111), , que salienta:

Nessas experiências, cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupção e sem vazios não preenchidos, para o que vem a seguir. Ao mesmo tempo não há sacrifício da identidade singular das partes. Um rio, como algo distinto de um lago, flui. Mas seu fluxo dá a suas partes sucessivas uma clareza e interesse maiores do que os existentes nas partes homogêneas de um lago. Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si. O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas, que são ênfases de suas cores variadas.

Durante a exploração de diferentes materiais, as crianças criaram formas diversas que se complementavam na medida em que interagiam com seus colegas, expressando seus interesses e construindo significados para o que estavam criando. Nesses momentos de interação, o individual se mesclava com o coletivo, resultando em um fluxo de experimentações que enriqueciam o repertório de experiências das crianças. Dewey (2010) destaca a importância das conexões entre os elementos em uma experiência para que ela se torne única. A maneira como a experiência foi conduzida proporcionou que as crianças pudessem expressar suas percepções sobre o mundo ao seu redor, permitindo que suas produções fizessem sentido dentro de seu nível de compreensão.

Dividi a turma em quatro equipes diferentes, cada uma representando uma estação do ano, e para garantir que todos participassem igualmente, optei por um sorteio. Coloquei os nomes das estações em uma caixa e cada grupo designou um membro para escolher um papel. Assim, as equipes foram formadas e começaram a criar.

Enquanto estavam criando, as crianças faziam suposições sobre suas próprias ideias e expressavam suas opiniões sobre as dos colegas. Surgiram conflitos em relação ao espaço, uma vez que algumas preferiam trabalhar sozinhas. Mediando as situações, fui buscando saídas para que entendessem que aquele era um ambiente coletivo, onde todos deveriam colaborar e que ali era uma chance de aprender a compartilhar e construir juntos.

Enquanto as crianças estavam trabalhando, eu ia passando pelos grupos e observando o que estavam produzindo. Algumas crianças pareciam ter clareza do que estavam realizando, enquanto outras estavam ainda se envolvendo no processo criativo. Durante essa interação, elas faziam reflexões, geravam ideias, desenvolviam visões sobre suas criações, inferiam e analisavam as obras. Assim, os conflitos que surgiram foram mediados de forma a levá-las a refletir sobre o respeito às criações do outro e compreender que as diferentes produções são essenciais para ampliar seus horizontes estéticos.

Naquele momento de reflexão, pude perceber a relevância dos conflitos para a formação do conhecimento e que as crianças também aprendem através dessas divergências, pois expressar discordância é uma forma delas se posicionarem e refletirem sobre as diversas possibilidades artísticas. A mediação se faz necessária para que compreendam a importância de respeitar as diferentes maneiras de pensar e agir de cada indivíduo, as quais são expressas por meio de suas manifestações artísticas.

A equipe Primavera foi construindo um painel com flores, além de acrescentarem outros elementos como árvores, casinhas, pessoas, sol, dentre outros. Durante a produção, foram criando cenários, dialogando com seus pares na construção de narrativas sobre o que estavam produzindo. Acompanhando esses movimentos que as crianças elaboravam percebi que é comum expressarem vivências enquanto produzem, criarem enredos para os cenários que vão criando.



Figura 1: Equipe Primavera

A equipe Verão produziu um sol e desenhou outros elementos ao redor da colagem. “Fizemos o sol. É o planeta sol” (Luís Cláudio, 5 anos). Ao redor da imagem do sol, as crianças fizeram outras representações, com elementos que davam a ideia de que o astro estava sendo visto de cima.



Figura 2 Equipe Verão

A equipe Outono representou árvores com folhas caindo, casa, vento e grama. Colocaram pedaços de papel crepom que a equipe Primavera cedeu. “São as flores saindo do lugar”. (Maria Luíza, 5 anos) “ Eu fiz uma casa e ela tá toda repuxada. Ele destruiu ela, ele tá muito forte aí tá empurrando a casa,” diz Bruno Calebe, (5 anos) sobre o vento de outono.



Figura 3 Equipe Outono

A equipe Inverno produziu flocos de neve, boneco de neve e nuvens e “uma caminha na neve” (Ana Sara, 6 anos). Durante a produção, Pablo Luiz (5 anos) se destaca como líder e diz: “Eu sou o líder da equipe”, e Rui (5 anos) também quer ser o líder e é acolhido pelo colega: “Nós dois somos os líderes, eu e o Rui. Vocês vão fazer o que a gente mandar.” Digo para ele que ser líder não é ser autoritário, que um bom líder precisa ser flexível, entender que está num espaço coletivo e que todos têm que ser respeitados e valorizados no grupo.



Figura 4: Equipe inverno

Os painéis foram dispostos em um local específico da sala destinado à mostra dos trabalhos das crianças. Na aula seguinte, preparei a turma para compartilhar suas observações sobre as produções realizadas. As crianças se reuniram em círculo perto dos painéis expostos. Antes de começar as discussões sobre as produções das crianças, perguntei sobre as atividades do dia anterior. Esse ponto é importante porque foi notável a capacidade das crianças de recordarem, mostrando uma boa memória dos acontecimentos passados, tanto na perspectiva individual como coletiva.

Dessa maneira, fica evidente que as experiências proporcionadas nesses contextos, nas atividades em conjunto não se limitam, apenas, ao que está sendo desenvolvido em cada equipe de maneira individual, mas como um todo, de forma coletiva. Isso também indica que elas não estavam isoladas do que estava ocorrendo ao seu redor, mas percebiam todas as interações e as oportunidades que surgiam nos demais grupos. Acredito que essas situações são passíveis de serem aprofundadas e se apresentam como opções que podem ser investigadas na compreensão de como a criança se percebe e percebe o próximo em contextos sociais.

Inicialmente, a proposta era que cada equipe conseguisse expor verbalmente o significado, os elementos utilizados e avaliar as obras. Isso se baseia na crença de que as palavras têm o poder de gerar significado, construir realidades e, por vezes, atuar como instrumentos poderosos de subjetivação (Larrosa; 2015, p.16). Contudo, após um projeto prévio sobre mitos e lendas, as crianças demonstraram interesse por criar narrativas, e as discussões passaram a se concentrar nesse aspecto, ou seja, na desenvoltura de narrativas orais a partir das produções.

As crianças elaboraram diferentes histórias baseadas nas imagens que criaram sobre as quatro estações do ano. Cada uma seguiu caminhos diferentes em suas narrativas. Algumas buscavam apenas compartilhar suas experiências pessoais, relacionadas às suas obras de arte. Já outras desenvolveram tramas totalmente fictícias durante essa criação.

É fundamental ressaltar que durante essas atividades, as próprias crianças demonstraram interesse por criarem histórias, se inspirando nos trabalhos que já haviam feito sobre mitos em um projeto anterior. Isso corrobora o pensamento de Dewey (2010) acerca das etapas consecutivas que surgem nas vivências das crianças, que participam ativamente e de forma criativa. As experiências mais significativas permanecem na memória das crianças, formando um repertório de vivências que elas utilizam na elaboração de novas narrativas.

Nesse sentido, é importante analisar, de forma mais aprofundada, a credibilidade das palavras das crianças que, muitas vezes são desconsideradas devido à falta de habilidade para se expressar ou pela ideia de que suas histórias são mais fictícias do que racionais. Dar voz às crianças, às suas percepções sobre o mundo é importante para que se atribua a elas um papel de sujeito em processo de desenvolvimento epistêmico, capazes de refletir sobre suas próprias experiências, como sujeitos autobiográficos e em busca de autoconhecimento.

De acordo com Passeggi (2021), é relevante destacar aspectos importantes, presentes na narrativa das crianças. Um fator primordial a ser considerado é o fato de que foram elas mesmas que elaboraram as histórias ficcionais, inserindo elementos de suas próprias vivências. Não houve imposição sobre o modo como deveriam construir verbalmente suas criações artísticas. Embora tenha fornecido direcionamentos durante as apresentações, pude perceber que as crianças buscavam uma experiência diferenciada.

Ao notar as tendências das conversas e reconhecendo o valor das manifestações das crianças como impulsionadoras do processo de ensino, fui orientando e estabelecendo ambientes onde elas pudessem se manifestar de forma independente e original.

Gostaria de destacar um segundo aspecto, que é a interação entre realidade e ficção, importante para a aprendizagem. Nesse processo, as crianças conseguem dar significado às suas vivências, reavaliar o que aprenderam e construir um conjunto de experiências positivas conforme vão desenvolvendo e reestruturando esse repertório.

Conforme Cunha (2023), é importante ressaltar que as crianças conseguem utilizar os objetos e materiais dando-lhes novos significados, criando narrativas interessantes. Nessas histórias, fica evidente que o contato com a arte leva a criança a mergulhar em um mundo de sonhos que se mistura com a vida real. Os dilemas, os sonhos, os desejos vão sendo repensados, de modo que suas criações podem proporcionar uma compreensão mais profunda do entorno.

Ferraz e Fusari (2018) também apontam a necessidade de compreender que a capacidade de criar imagens mentais está intimamente ligada à memória, no entanto, essa capacidade se destaca como uma habilidade criativa fundamental, pois surge da reinterpretação de vivências passadas e da união de diferentes elementos do cotidiano. A imaginação, desse modo, é composta por imagens inéditas, conceitos e ideias que conectam a fantasia com o mundo real e se desenvolve ao longo de toda a nossa existência.

Com o intuito de enriquecer o repertório e incentivar a criatividade das crianças, em uma outra aula, apresentei algumas imagens das obras de Nequitz Miguel, que é o pseudônimo utilizado pela artista Neuza de Carvalho Miguel. Os trabalhos selecionados representam as quatro estações do ano. Mostrei para as crianças a fim de que pudessem fazer suas próprias observações. Algumas pinturas são abstratas. No entanto, as crianças conseguiram identificar, destacando elementos e estabelecendo comparações com suas próprias criações.



Figura 5: Primavera de Nequitz Miguel



Figura 6 Ventos de Verão de Nequitz Miguel

Experiência

1



Figura 7 Outono de Nequitz Miguel

Figura 8 Inverno em abstrato de Nequitz Miguel

As obras artísticas que são apresentadas para as crianças, para a realização de leitura visual, são oportunidades para que elas explorem e ampliem seus padrões de referência. Vale ressaltar que a sequência não precisa seguir, necessariamente, a ordem anteriormente mencionada. O fundamental é que as crianças tenham a chance de explorar a arte através dos elementos visuais, como as obras de diferentes artistas, enriquecendo seu entendimento de mundo e suas diversas interpretações.

A oportunidade de analisar as imagens foi importante para enriquecer suas experiências passadas, incorporando elementos da produção dos murais coletivos na análise do significado das obras da artista observada. As cores usadas foram um dos pontos que despertaram o interesse das crianças, que puderam identificar as estações retratadas nas obras.

De acordo com Dewey (2010) viver a experiência, assim como respirar, segue um ritmo de absorções e expulsões. Essa sucessão é marcada e transformada em um ritmo pela existência de intervalos, momentos em que uma etapa é encerrada e outra se inicia. É dessa forma que se desenrolam os fatos e eventos na vivência artística no ambiente escolar. As etapas em que as crianças vão desenvolvendo diferentes experiências são antecidas por intervalos que servem de preparação para o que está por vir.

Proporcionar vivências significativas para as crianças vai além de, apenas, organizar atividades em determinado dia. Quando a prática está relacionada aos contextos de vida, independentemente do sentido, permitem momentos de pausa e mudança, desde que estejam conectadas com as ações que se desdobram na sequência.

CURIOSIDADE

Experiência

1

Quem é
Nequitz
Miguel?



Neuza de Carvalho Miguel, nascida em Juiz de Fora-MG, no ano de 1946. A artista possui obras em diversas coleções em Portugal, Estados Unidos, Brasil e no Museu de Arte do Parlamento de São Paulo. Em 1968, ela se mudou para o Rio de Janeiro, onde realizou cursos de História da Arte e pintura, com artistas consagrados, como Bernardii, Luiz Badia, Ricardo Frazão e Oziel Belizio. Nequitz Miguel realizou diversas exposições nacionais e internacionais.

SUGESTÕES



Estimule as crianças a brincarem ao ar livre, utilizando todo o espaço disponível;

Promova a exploração dos elementos visuais presentes no espaço;

Observe as movimentações e as interações durante a vivência;

Organize uma roda de conversa sobre os elementos que as crianças observaram, enfatizando os elementos naturais que puderam observar;

Apresente artistas com obras de referência para as produções criativas das crianças;

No momento de produção artística, organize o grupo de acordo com a realidade de cada turma, podendo ser em pequenos grupos ou individualmente;

Abra uma roda de apresentações dos trabalhos produzidos pelas crianças;

Organize um espaço para exposições dos trabalhos realizados para que toda a comunidade escolar tenha acesso.

REFERÊNCIAS



<https://www.nequitz.com.br/obras/quatro-estacoes1>

<https://www.nequitz.com.br/nequitz2>

<https://youtu.be/jlNoF8GEGWc?feature=shared>

OLHANDO PELA JANELA: TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM EM ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Experiência

2

O processo de criação não pode ser separado da reflexão e da observação do ambiente em que os indivíduos estão inseridos. Deve ser uma ação consciente, baseada na compreensão dos contextos em que estão envolvidos. Saber com quem convivem nem sempre está ligado ao entendimento das relações estabelecidas no ambiente familiar, à percepção do que significa ter um lar, especialmente quando esse lugar não possui esse significado.

Pensar sobre o local onde se mora, implica refletir sobre processos identitários, sobre singularidade, tradição e hábitos que são exclusivos de cada pessoa. O lar, os ambientes, os indivíduos que compartilham a habitação são elementos essenciais na formação da identidade e da ligação da criança com o ambiente físico e social. Os hábitos experimentados influenciam na maneira como a criança interage com os demais nos ambientes coletivos. O entendimento do lar como um local afetivo proporciona oportunidades para introduzir a criança na descoberta de novos locais e interações que ultrapassam essa esfera.

Observar como as crianças se organizam em espaços coletivos possibilita o entendimento da maneira como elas enxergam o ambiente externo, identificando os elementos que percebem e as conexões que estabelecem com a realidade ao seu redor. A prática de observar as crianças em suas interações e fazer registros deve fazer parte da rotina da Educação Infantil, visto que, para captar as nuances do dia a dia é preciso realizar interpretações para construir um conhecimento mais consistente sobre a realidade observada. Ostetto (2017, p.27), alerta que:

Para registrar, no cotidiano vivido com um grupo de crianças, é necessário observar ações, reações, interações, proposições não só das crianças, mas também do próprio docente. É preciso ficar atento às dinâmicas do grupo, às implicações das relações pedagógicas, com um olhar aberto e sensível, pois registrar não é uma técnica, nem tampouco pode ocorrer de forma automatizada, como a espelhar o real.

Desde tenra idade, a criança se envolve nas atividades sociais e culturais de sua família, de seu ambiente, enfim, dos círculos sociais em que está inserida. Aos poucos, ela vai se conhecendo, ao mesmo tempo em que vai explorando o mundo físico, psicológico, estético e cultural que lhe é mostrado pelos adultos (e outras crianças), cotidianamente. Seu desenvolvimento como indivíduo ativo e protagonista de seu processo de crescimento se baseia nas experiências que absorve em interação com os outros indivíduos.

O que devemos considerar como essencial no trabalho artístico com significado para a infância é que todas as características que definem sua identidade são fundamentais para proporcionar uma experiência estética. Para que as crianças possam compreender o mundo ao seu redor de forma mais profunda, é necessário criar vivências que vão além das palavras e se transformem em ações, em atos de criação. Conforme Dewey (2010), a experiência estética – em seu sentido mais amplo – está intrinsecamente relacionada à experiência de produzir arte. Além dessas questões, existem diversas oportunidades para promover uma aprendizagem com significado a partir do que as crianças percebem em si mesmas e no ambiente coletivo. Essa abordagem guiou o processo criativo de crianças de uma turma de Infantil 5, na qual atuei como professora regente, ao longo do ano de 2023, e desenvolvi, entre os meses de maio e setembro, o projeto "Olhando pela janela."

As experiências baseadas na Abordagem Triangular e na ideia de experiência em Dewey (2010), foram conduzidas de forma progressiva, com intervalos de descanso e mudança. Tendo como base a expressão de vivências no dia a dia. A criação artística consistiu na elaboração de pinturas, desenhos e colagens, resultando em dois grandes murais coletivos, um retratando a cidade e outro a construção de uma vila junina. Além disso, a criação em 3D de casas e prédios para formar uma minicidade também foi parte integrante desse projeto.

A própria criação das crianças também serviu de inspiração para a análise de obras visuais, juntamente com a exploração das pinturas "Morro da Favela" de Tarsila do Amaral e obras de Alfredo Volpi, que retratam diferentes tipos de casas com bandeirinhas, enriquecendo o repertório visual das crianças durante o projeto. A contextualização, integrante da abordagem presente nas atividades realizadas com as crianças, foi estabelecida a partir das obras mencionadas, levando em consideração os contextos nos quais os artistas estão inseridos, de forma a relacioná-los com a realidade vivida pelas crianças.

Durante as conversas em grupo, as crianças costumam compartilhar suas experiências familiares juntamente com eventos do dia a dia envolvendo locais e pessoas com as quais convivem. Essa observação levou a reflexões na turma em questão sobre os ambientes onde vivem, com quem dividem a moradia, e outras informações que contribuíram para o entendimento social das crianças. Durante as interações, elas compartilharam as estruturas familiares de cada uma, incluindo experiências no ambiente familiar em suas histórias, desenvolvendo a compreensão de diversidade, de diferentes tipos de família, de lugar e espaço.

Observando as crianças, ao notar as conversas dentro desse contexto, decidi investigar um pouco mais sobre suas vivências e os locais onde vivem. Foi proposto que compartilhassem sobre os locais onde residem, destacando variadas formas de habitação. Algumas crianças mencionaram viver em apartamentos, enquanto outras em residências e sobrados. O que chamou a atenção nesse diálogo foi a interação em grupo, com algumas crianças revelando que são vizinhas, morando no mesmo prédio de apartamentos apelidado por elas de "Conjunto" e "Carandiru". Para enriquecer seus conhecimentos, apresentei outros tipos de moradias, como oca, iglu, palafitas, casas de pau a pique, cortiços, tendas e trailers, estimulando a reflexão sobre as diferentes maneiras de viver e habitar no mundo. Ao longo das atividades, as crianças refletiram sobre a distância entre suas residências e a instituição de ensino, recordando o caminho percorrido diariamente. Enquanto algumas mencionaram que vivem em locais um tanto distantes, outras revelaram que residem bem próximas. Após essa troca de experiências, realizaram a produção de desenhos com tinta guache em cartolina, representando suas moradias.

Na aula subsequente, em círculo, realizaram a exposição de suas criações e cada uma atribuiu um título à sua obra. Após a apreciação e reflexão das produções individuais realizadas, elaboraram juntos um painel coletivo mostrando a formação de uma cidade, destacando como elas surgem a partir da percepção de que cada edificação adicionada ao painel simboliza a maneira pela qual o povoamento se transforma em um centro urbano. Inicialmente, as crianças foram colando no painel sem se preocupar muito com os espaços que delimitam as ruas e os pontos da cidade. Dessa forma, discutimos sobre cidades planejadas e construções que fogem dessa lógica, onde as pessoas chegam e constroem por necessidade. É importante considerar as condições socioeconômicas que levam a essa percepção da organização dos espaços urbanos. As próprias crianças perceberam que as edificações e espaços físicos necessitavam de uma organização, então começaram a colar no painel representações de ruas e movimentações urbanas.



Figura 9- Produção coletiva – Elementos da Cidade

A proposta de criar a cidade motivou as crianças a produzirem arte elaborando ilustrações a serem expostas no mural. Produziram desenhos e pinturas de residências, edifícios e objetos presentes no ambiente urbano. Num encontro posterior, em uma conversa informal, encorajei as crianças a refletirem sobre os ambientes sociais a partir da seguinte questão: - para além das residências e edifícios que construíram, o que mais há na cidade em que vivem? As crianças passaram a buscar em suas memórias informações que respondessem à pergunta. Ao perceber que algumas encontraram dificuldade em se expressar, questionei sobre o caminho até a escola, quais elementos elas observavam ao longo das ruas. Foi então que elas começaram a mencionar locais, pessoas, atividades e o percurso que realizam diariamente. Posteriormente, representaram suas impressões por meio de desenhos e pinturas.

Continuando a elaboração do painel, a fim de ampliar o entendimento das crianças sobre o ambiente em que vivem e estimular reflexões sobre diferentes estilos de vida, por meio da reflexão acerca do entorno, questionei: - quais são os locais da cidade que vocês já visitaram?

As crianças mencionaram uma série de locais existentes na região em que vivem. Citaram locais como: praias, supermercado, shopping, mercado, região central e orla. Durante essa atividade, relacionaram vivências do dia a dia, acrescentando detalhes às suas falas como a Kyara (5 anos) que mencionou gostar de acompanhar a mãe ao centro para comprar roupas. Vitória (5 anos), por outro lado, afirmou que prefere ir ao atacadão fazer compras. Maria Lara (5 anos) destacou que o local que mais aprecia é a praia. Após as conversas, as crianças começaram a criar desenhos e realizar colagens representando esses locais.

A vivência de elaborar um mural em conjunto superou as expectativas iniciais, pois incentivou uma criação mais abrangente. O mural foi expandido para que as crianças pudessem, também, expandir suas criações. Com o passar do tempo e a oportunidade de construir em etapas, ao chegarem à escola as crianças já se dedicavam a buscar materiais para elaborar mais representações. Durante esse processo criativo, utilizaram diversos elementos em suas produções individuais e em grupo, como recortes, colagens, pinturas e desenhos. Representaram diferentes ambientes e situações cotidianas da cidade. Criaram casas, prédios, paisagens, parques, shoppings, o tráfego urbano, pessoas se locomovendo, entre outros elementos que compuseram o mural.

Durante o processo de criação, era comum ouvir conversas animadas sobre o processo criativo. De acordo com Cunha (2023, p. 16), as crianças costumam narrar suas histórias enquanto se divertem com brinquedos, desenhos, pinturas e outras atividades.

Gabriel (5 anos) criou um projeto visual de uma residência e a coloriu de azul, mencionando que aquela tonalidade representava sua casa. Por outro lado, Kyara (5 anos) elaborou um plano de uma residência com a presença de duas pessoas. Perguntei sobre a identidade das pessoas retratadas e ela respondeu: “é a senhora indo fazer compras.” E essa outra figura? Questionei. “Esse aqui é o Noah que a senhora encontrou na rua. Ah! Vou desenhar minha mãe também indo fazer compras.”

As crianças também desenvolveram representações sociais, atribuindo significados reais e conectando com suas experiências, além de criarem histórias imaginárias com base em suas percepções da vida na cidade. A interpretação de imagens ampliou seus horizontes, levando-as a refletir sobre o que já conhecem. Pensando sobre essas relações Ferraz e Fusari (2018; p. 71 e 72) reforçam que:

A criança percebe, desde bem cedo, que os seres e as coisas com os quais convive se apresentam com semelhanças ou diferenciações, com afetividade ou não, acolhendo-a ou rejeitando-a, dando-lhe prazer ou desprazer. Com relação ao mundo sensível, ela poderá distinguir, dentre outras, a variedade e diferenças de cores, de materiais, de sons, de melodias, de gestos, de tempos e de espaços.

Desse modo, é a partir de experiências que desenvolvam a criatividade e a reflexão, que as que as crianças podem inferir e analisar sobre o meio em que vivem, com base em situações cotidianas, ampliando seus repertórios culturais abrangendo uma variedade de elementos que contribua para uma aprendizagem com sentido. Com esse intuito, apresentei a obra “Morro de Favela,” da artista brasileira Tarsila do Amaral. Ao olharem para a obra, as crianças identificaram as construções das casas da favela, relacionando-as às suas vivências. As cores das residências, o movimento, as interações presentes na obra da artista analisada, chamaram a atenção das crianças, transformando-se em inspiração para suas visões estéticas na criação da cidade. Os ambientes representados para algumas crianças lembraram suas próprias moradias.



Figura 10 Tarsila do Amaral Morro da Favela, 1924

No mês de junho, época em que as festas juninas são amplamente comemoradas, especialmente em nossa região, por ser parte integrante da cultura popular e refletirem sobre a história, a sociedade e suas tradições, entendo ser relevante fazer uma reflexão sobre o momento vivido e as atividades realizadas pelas crianças. É válido ressaltar que as tradições populares, assim como outras questões são importantes para a Educação Infantil e não devem ser exploradas apenas em épocas específicas. Existem diversas maneiras de integrá-las ao longo do ano letivo.

As comemorações juninas, como expressão de identidade cultural do Brasil, quando abordadas de maneira contextualizada, contribuem com o fortalecimento dos laços comunitários, promoção e preservação das tradições culturais locais e regionais.

Dessa forma, apresentei algumas pinturas de Alfredo Volpi, retratando variadas casas decoradas com bandeirinhas, possibilitando que as crianças analisassem as cores escolhidas pelo artista, comparassem as fachadas, identificassem semelhanças e diferenças, refletindo sobre a mensagem que o artista quis expressar, explorando possibilidades de releitura, estabelecendo conexões com a época em que as obras foram criadas e com o painel em construção.



Figura 11 Alfredo Volpi- Grande fachada festiva.

As criações do artista apresentado despertaram grande interesse nas crianças, principalmente, por estarem relacionadas ao clima junino festivo, o que tornou a apreciação das obras ainda mais significativa para as atividades em andamento. Algumas crianças notaram que as casas se destacavam pelas cores, dimensões e design. Elas também perceberam que algumas das residências pintadas por Alfredo Volpi tinham vários andares, devido ao número de janelas e portas sobrepostas nas telas do artista.

A produção das fachadas baseadas na arte de Volpi gerou uma reflexão acerca de ambientes temáticos, o momento festivo experimentado, a concepção de conceitos sobre tempos, espaços, locais frequentados por algumas crianças, como a vila junina de um centro comercial nas proximidades de suas residências. Assim, tomando as criações do artista como base, uma vila junina foi produzida.

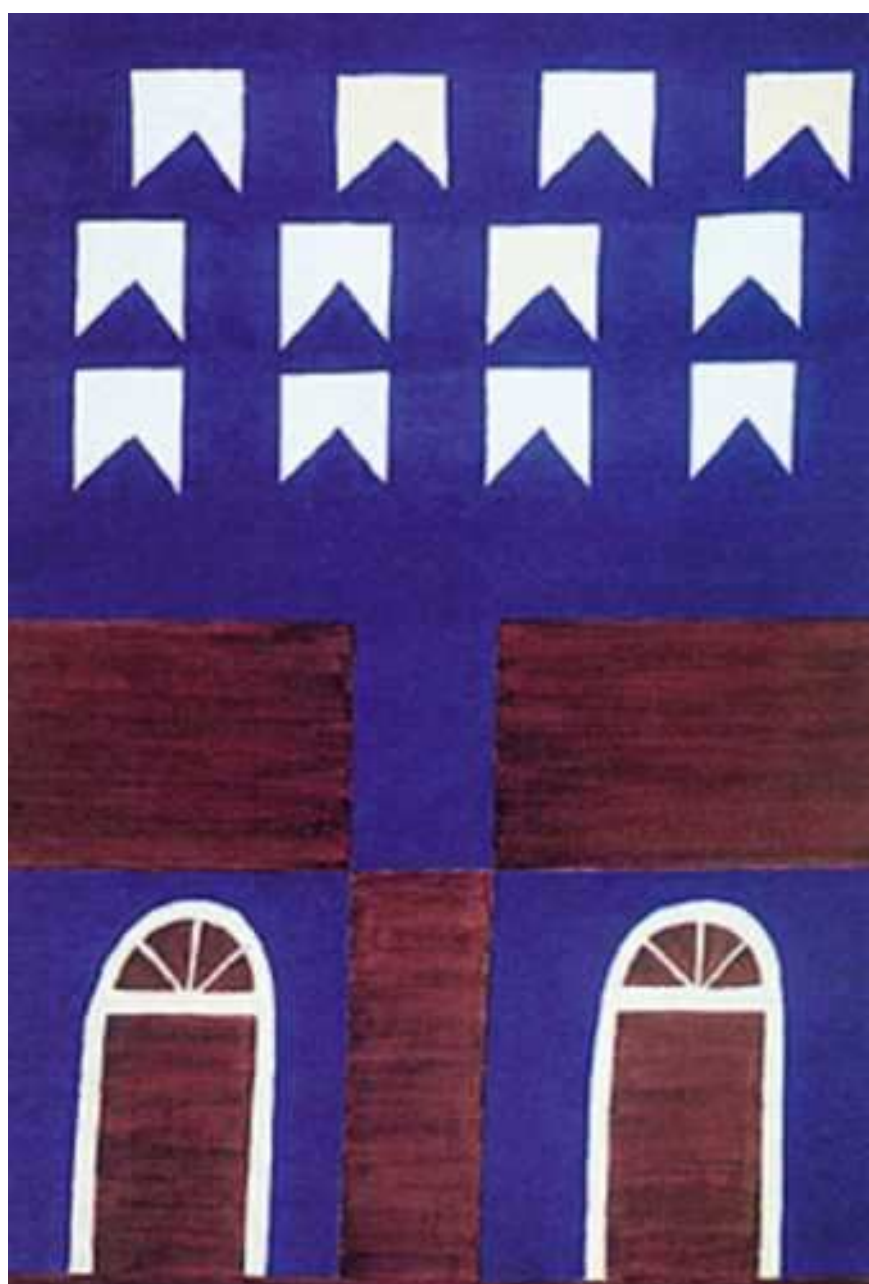


Figura 12 Alfredo Volpi- Fachada das Bandeiras Brancas-1950

Figura 13- Alfredo Volpi- fachada.



Figura 14- crianças fazendo releituras das obras de Alfredo Volpi.



Figura 15: Vila junina produzida pelas crianças inspirada nas obras de Alfredo Volpi.

Em outra ocasião, convidei os familiares para se unirem a nós, em uma atividade junto com as crianças. O objetivo era criar diferentes tipos de residências, simbolizando as regiões onde viviam, prédios e estruturas que representassem a área da cidade. O convite para participar da oficina é uma das atividades do Projeto Escola e Família, que tem como objetivo fortalecer a parceria entre a escola e os familiares dos alunos da rede municipal de ensino de Fortaleza/CE. Este projeto visa estreitar os laços familiares através de troca de conhecimentos e informações positivas, buscando diferentes estratégias para promover a gestão democrática, a permanência na escola e o sucesso dos estudantes.

A proposta da oficina com as famílias também surgiu da participação ativa das crianças na criação do painel coletivo, com construções únicas e identitárias e o entendimento acerca da convivência em comunidade. A interação proporcionada, tanto pelas criações individuais quanto coletivas, possibilitou que elas pudessem experimentar novas vivências, como a produção em três dimensões de casas e edifícios construindo uma pequena cidade.

Quando as famílias chegaram, formaram grupos e começaram a se organizar. Primeiro, realizei uma breve recepção apresentei a proposta, partindo do que as crianças já vinham criando, explicando o foco da oficina, os materiais a serem utilizados e sugerindo como poderiam colaborar na construção com as crianças. No entanto, encorajei as famílias a participarem ativamente e a construírem de maneira independente, enquanto eu mediava as atividades criativas. Durante o processo de produção, acompanhei de perto os grupos.



Figura 16- Famílias participando da oficina de produção de casas em 3 D com as crianças.

O envolvimento dos familiares permitiu experiências significativas para o crescimento das crianças, especialmente focadas em atividades artísticas. Mostrar aos pais e/ou responsáveis o progresso das crianças na escola é uma maneira eficaz de fortalecer a parceria entre família e escola, além de incentivar a apreciação da arte no ambiente escolar.

As famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças. Entender essa relevância e promover espaços para que as famílias se sintam bem-vindas e valorizadas é essencial para fortalecer os laços entre a escola e a comunidade. Além disso, ao realizarem atividades artísticas com seus filhos, as famílias têm a oportunidade de perceber como a Arte é essencial na Educação Infantil e como as crianças se expressam de forma criativa através de diversas formas de linguagem. Essas interações também aumentam a autoconfiança das crianças em suas habilidades.



Figura 17- Crianças construindo a representação de sua casa

Considero que a experiência com as famílias foi estimulante e desafiadora, levantando questões sobre a relevância da participação da família na formação das crianças, no seu desenvolvimento individual e na relação com a instituição de ensino, na valorização das ações voltadas para o desenvolvimento infantil.



Figura 18- Exposição dos trabalhos realizados pelas crianças

Segundo Dewey (2010), a atividade chega ao seu término quando seu resultado é sentido como positivo - e essa sensação não é resultado de um mero julgamento intelectual e externo, mas de uma percepção direta. As experiências vivenciadas pelas crianças constituíram uma série de ações interligadas, que foram se estruturando ao longo do tempo, de acordo com as respostas aos estímulos e às percepções diretas, durante as suas próprias criações, estabelecendo, assim, um alicerce para novas aprendizagens em Arte.

CURIOSIDADE

Experiência

2

Quem é Tarsila do Amaral?



Um dos maiores nomes e uma das mais conhecidas artistas brasileiras, Tarsila do Amaral fez parte do movimento artístico modernista. Em 1920, quando se mudou para Paris, para dedicar-se aos estudos de escultura e pintura, teve a oportunidade de conviver com importantes artistas de vanguarda, no início do século XX. Ao retornar ao Brasil, tornou-se membro do "Grupo dos Cinco", que inaugurou o período modernista no Brasil. O grupo era formado por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfati, Menotti Del Picchia e a própria Tarsila. A artista tinha estilo único e com traços marcantes. Representou o Brasil urbano e rural, com personagens da nossa cultura, utilizando cores fortes e marcantes em paisagens características.

CURIOSIDADE

Experiência

2

Quem é
Volpi?



Alfredo Volpi (1896-1988) foi um pintor ítalo-brasileiro que se destacou como pintor da Segunda Geração da Arte Moderna brasileira. Suas pinturas apresentam sutileza no uso das cores e sensibilidade para a luz. Na década de 1950, o artista entrou na fase do abstracionismo geométrico. Ele pintou diversas séries de Bandeirinhas, Fachadas e Ampulhetas. Sua pintura passou a ser a linha, a forma e a cor.

SUGESTÕES

Experiência

2

Investigue os contextos de vida das crianças, suas vivências e composições familiares;

Sempre que possível, envolva a família em atividades artísticas no espaço escolar, de modo a criar vínculos entre os membros e construir um espaço de acolhimento e partilha, além de promover o reconhecimento da importância da Arte para o desenvolvimento integral das crianças;

Inclua nas rodas de diálogo, o entendimento de que existem diferentes composições familiares, de lugares e moradias, criando assim um ambiente de respeito às diferenças e à diversidade cultural;

Apresente obras de artistas que retratam e exploram contextos familiares e organizações da sociedade;

Apresente tipos de moradias, estimulando a reflexão sobre diferentes formas de viver e habitar no mundo;

Organize momentos de partilha e apresentação das obras produzidas pelas crianças;

Disponibilize diferentes recursos visuais e materiais para que as crianças explorem e produzam com autonomia;

Incentive as crianças a refletirem sobre a Arte e suas possibilidades presente no contexto de vida cotidiana;

Estimule a exploração, o encantamento e a apreciação de obras com elementos que se relacionem com as experiências de vida das crianças.

REFERÊNCIAS

Experiência

2

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/06/por-que-tarsila-do-amaral-foi-uma-mulher-a-frente-do-seu-tempo.htmk> 1

<https://conexoplaneta.com.br/blog/tarsila-e-o-disfarce-da-favela/>

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=348&evento=1>

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82476-fachada-das-bandeiras-brancas>

<https://arteref.com/arte-do-dia/12-curiosidades-sobre-alfredo-volpi-que-vaio-ajuda-lo-a-entender-o-artista/amp/>

QUEM VIU O ECLIPSE? PROPOSIÇÕES CRIATIVAS SOBRE FENÔMENOS NATURAIS E CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM EM ARTE

Experiência

3

As experiências mais significativas muitas vezes surgem sem planejamento, sem roteiro definido. Prestar a atenção no que acontece em nós e no mundo à nossa volta é uma maneira concreta de vivenciar momentos verdadeiros na infância, pois as crianças estão constantemente atentas aos acontecimentos do dia a dia e prontas para atribuir um sentido especial a cada um deles.

Os eventos naturais costumam despertar o fascínio das crianças, seja pelas diversas possibilidades que se apresentam, pelo prazer da descoberta ou pelas consequências que vão surgindo. Não se pode negar que a criança está imersa em um ambiente onde a tecnologia faz parte de seu cotidiano, por isso, refletir sobre as questões do mundo para além do que a mídia oferece é uma oportunidade para estimular a curiosidade infantil, despertar o interesse por realizar atividades, investigar fenômenos e inventar.

Durante os anos em que atuo como educadora de crianças pequenas, tenho buscado constantemente explorar maneiras diversas de incentivar os pequenos a observarem e compreenderem os mistérios da natureza, além de encorajá-los a experimentar e inovar. Aproveitando as oportunidades que surgem, a partir das experiências trazidas pelas crianças, busco criar situações que estimulem a criatividade e promovam uma aprendizagem mais ampla.

As ações apresentadas a seguir resultam dessa compreensão do que as crianças trazem para o ambiente escolar e expressam sobre suas vivências, criando possibilidades de aprendizagem. São fundamentadas na Abordagem Triangular, com base em seus três princípios: leitura de imagens, contextualização e fazer artístico.

No dia 14 de outubro de 2023, um evento raro despertou a curiosidade de muitas pessoas: o eclipse solar. Este fenômeno foi ainda mais intrigante, pois pôde ser observado com clareza usando equipamentos apropriados. O eclipse ocorreu das 15h30 às 16h50, evoluindo por alguns minutos, de acordo com o fuso horário das diferentes regiões do Brasil.

Nos Estados como Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, foi possível testemunhar um eclipse solar anular, que criou um impressionante "anel de fogo". Eu tive a oportunidade de presenciar esse evento na Paraíba, por volta das 16h40. No momento, estava participando do Congresso Nacional de Educação (CONEDU), e muitas pessoas se reuniram ao redor dos lagos na área externa do Centro de Convenções de João Pessoa-PB para observar o eclipse. Naquele momento, já previa que as crianças da minha turma de Infantil 5 ficariam muito curiosas, o que de fato aconteceu. Na segunda-feira, elas chegaram animadas, perguntando nos grupos quem havia visto o fenômeno.

Na mídia, foram divulgadas orientações para observar o fenômeno de forma segura. Alguns dos equipamentos recomendados incluem telescópio, óculos especiais para o eclipse solar e vidros de soldador com número 14 ou superior. Estas informações não foram apenas para os adultos. As crianças compartilharam entre si e comigo como fizeram suas observações e com quem estavam naquele momento.

Durante a partilha de informações, a maioria disse ter visto o eclipse. Apenas Saulo (5 anos) disse não ter presenciado. Nesse instante, proponho que quem presenciou responda à indagação do colega sobre o que é um eclipse. E inicia-se a explanação do que é um eclipse, como um fenômeno no qual a lua e o sol se encontram. O colega Eduardo (5 anos) exemplificou levantando as mãos em círculo para representar esse encontro único entre os dois astros. Agradei ao Eduardo por compartilhar esse conhecimento. Aproveitei para esclarecer, também, que durante esse fenômeno a luminosidade diminuiu consideravelmente e, por isso, não era aconselhável olhar diretamente sem a utilização de equipamentos de proteção para evitar possíveis danos à visão, uma vez que isso seria prejudicial à vista. Destaco a relevância da utilização do dispositivo ou dos óculos específicos. Agora, diversas crianças estão ansiosas para se expressar ao mesmo tempo e solicito que se organizem para permitir a participação de todos.

Após esse momento de troca de conhecimentos, a turma se ergue do círculo de diálogo e sugiro a criação de desenhos relacionadas ao tema sobre o qual as crianças debateram no encontro, o eclipse solar que afirmaram ter presenciado.

Analisando a interação durante a discussão em grupo, percebi a relevância desse momento na agenda diária por vários motivos. Entre eles, destaca-se a oportunidade de um maior entendimento entre as crianças, compartilhando suas ideias, desejos, preferências e opiniões, conforme destacado por Freire (1983). Nesse sentido:

“o papel da professora, como participante desta atividade, é o de coordenar a conversa. Sua função é problematizar as questões que surgem, desafiando o grupo a crescer na compreensão dos seus próprios conflitos” (Freire, 1983, p.21).



Figura 19 Quem viu o eclipse solar?

As produções inspiradas na vivência com o eclipse solar ampliaram as referências infantis sobre o universo e suas possibilidades. A curiosidade, o desejo de criar e inventar fizeram as crianças imergirem em produções artísticas que levaram à ampliação da percepção do mundo que as cerca.



Figura 20 Produzindo planetas: criando ideias sobre o espaço e suas curiosidades

As vivências sobre fenômenos e as curiosidades que surgiram com relação ao espaço, levaram as crianças a uma imersão que perpassou diferentes linguagens mediadas pela arte, dentre elas a oralidade. Elas foram estimuladas a desenvolverem diversas habilidades através de histórias, produção de desenhos, pintura e colagem.

Dentre as atividades propostas, destaco a produção de desenhos representando planetas imaginários. Nessa vivência, as crianças deram ênfase a novas fabulações sobre a possibilidade de pensar novos planetas e suas características. Inicialmente, utilizei como recurso pedagógico o livro com a história “O menino e o Foguete” de Marcelo Rubens Paiva que conta a história de um menino que se deixa levar pela curiosidade e embarca numa aventura pelo espaço, conhecendo os planetas por meio da imaginação.



Figura 21 Crianças explorando a história “O menino e o foguete”.

Inspirados pela história que ficou exposta na sala para apreciação e embaladas pelas vivências anteriores, as crianças embarcaram na produção de desenhos de planetas imaginários. As criações foram as mais diversas. Kyara inventou o planeta colorido que, segundo ela, “só tem gente colorida”. Maria Vitória (6 anos) criou o planeta arco-íris, usando diferentes cores e foi pintado em forma circular para compor a aparência do planeta. Mayra (6 anos) criou o planeta do coração que tinha como núcleo um coração. Maria Clara (6 anos) desenhou o planeta sol/lua, “que ficam perto de uma cama. O sol e a lua dormindo.”



Figura 22 - Planeta sol/lua (Maria Clara, 6 anos).

Figura 23 - Planeta arco-íris (Maria Vitória, 6 anos)

Os trabalhos elaborados pelas crianças resultaram em um mural que foi colocado do lado de fora da sala de aula. Ao saírem, elas tiveram a oportunidade de interagir, compartilhando seus desenhos com os colegas e também com os familiares que estavam chegando. Essas interações são interessantes, pois estimulam as crianças a se enxergarem como autores e artistas, reconhecendo-se como membros ativos de um grupo em que suas percepções e experiências contribuem com o processo de aprendizagem.

Uma outra questão interessante, a respeito dos murais expositivos, como forma de documentar as experiências das crianças na escola é que:

[...] oportuniza aos pais e familiares o acompanhamento dos processos vividos por seus filhos na instituição de Educação Infantil. Por meio de relatórios, fotografias, painéis com as produções das crianças, materiais organizados e disponibilizados à apreciação e ao conhecimento das famílias, professoras e equipe gestora-pedagógica alimentam um canal frutífero de relações, ampliando afetos no compromisso compartilhado de educar e de cuidar de crianças no coletivo (Ostetto;2017, p.45).

A apresentação dos projetos infantis em formato de painel visava possibilitar o reconhecimento e a comunicação das famílias com a produção das crianças na escola, destacando suas capacidades criativas, e suas vivências diárias. Estabelecer laços com a família é essencial para que estas se sintam valorizadas e percebam sua importância no desenvolvimento de seus filhos.

Ao longo da semana, as crianças prosseguiram discutindo a respeito do acontecimento, estimulando o surgimento de novas ideias, conflitos, desejos, questionamentos e conjecturas.

Analisando o interesse das crianças pelo acontecimento em questão e as consequências que surgiram a partir das discussões e das criações artísticas, através dos desenhos, promovi um momento lúdico com luz e sombra para aprimorar suas percepções. Antes de iniciar a atividade, questionei sobre as brincadeiras preferidas no parque, se já haviam explorado as sombras e como a luz solar poderia contribuir com a nossa diversão. Animadas com a proposta, as crianças foram para o pátio e inventaram diversas figuras utilizando seus corpos.



Figura 24- Crianças brincando de luz e sombra com o corpo

Dentre as diferentes formas surgiram pássaros, jacaré, cobra, borboleta, cachorro, galinha, sapo, tubarão. Acompanhei de perto e mediei as interações. As crianças iam demonstrando e ensinando aos colegas como fazer imagens com a sombra. Foi a partir desse momento que permiti que elas produzissem de forma mais independente, mostrando que são capazes de criar, inventar e inspirar seus amigos nas construções. É importante destacar que incentivar a autonomia das crianças não significa adotar uma abordagem espontânea, como apontado por Cunha (2023), segundo a qual não há planejamento, nem materiais selecionados para guiar a atividade pedagógica, o que não era o caso da nossa proposta, cujas tarefas e recursos estavam bem delineados.

A autora acima citada, refletindo sobre a intervenção dos professores, afirma que ela não deve ser vista como algo intrusivo ou autoritário, mas como um diálogo, uma forma de mediação em que os professores conduzem discussões, incentivando os grupos e cada criança a ultrapassarem seus limites. (Cunha, 2023).

O corpo foi utilizado por elas como ferramenta para explorar diversas formas, promovendo a ligação entre a criança e o mundo. O objetivo era mostrar-lhes que a criatividade pode ser expressa de várias maneiras, inclusive utilizando o próprio corpo. As interações que surgiram foram interessantes, quando vistas sob diferentes perspectivas. Primeiramente, partindo de uma experiência vivencial da turma, que ampliou a compreensão sobre o eclipse, explorando a relação entre luz e sombra. Em segundo lugar, por meio da brincadeira, as crianças conseguiram inventar histórias, atribuir significados e dar sentido às suas vivências. A brincadeira tornou-se parte do dia a dia das crianças, que foram adicionando novas interpretações. Dessa forma, elas se organizavam em grupos para brincar e criar juntas.



Figura 25- Crianças brincando de noite e dia

Ao notar o entusiasmo dos alunos em relação aos acontecimentos naturais e as oportunidades que surgiram, a partir do estímulo às suas ideias, considero as experiências realizadas como um campo fértil para novas ideias.

No mês de maio de 2023, pude visitar uma mostra interativa dedicada a Vincent Van Gogh, renomado pintor holandês do movimento pós-impressionista. Apesar de sua carreira breve, Van Gogh produziu mais de setecentas pinturas, tornando-se uma figura emblemática no cenário artístico devido à sua trajetória e à grandiosidade de sua obra.

A vivência com a arte de Van Gogh me levou a cenários que relembram a minha infância no campo. As cores, as paisagens naturais, os girassóis que tanto gosto, o amarelo que marcou minha infância, presente em minhas lembranças como uma das cores mais usadas em minhas pinturas infantis, que me faz lembrar os intensos raios solares que emanam luz e são aspectos do impacto causado pela obra do artista aqui apreciado.

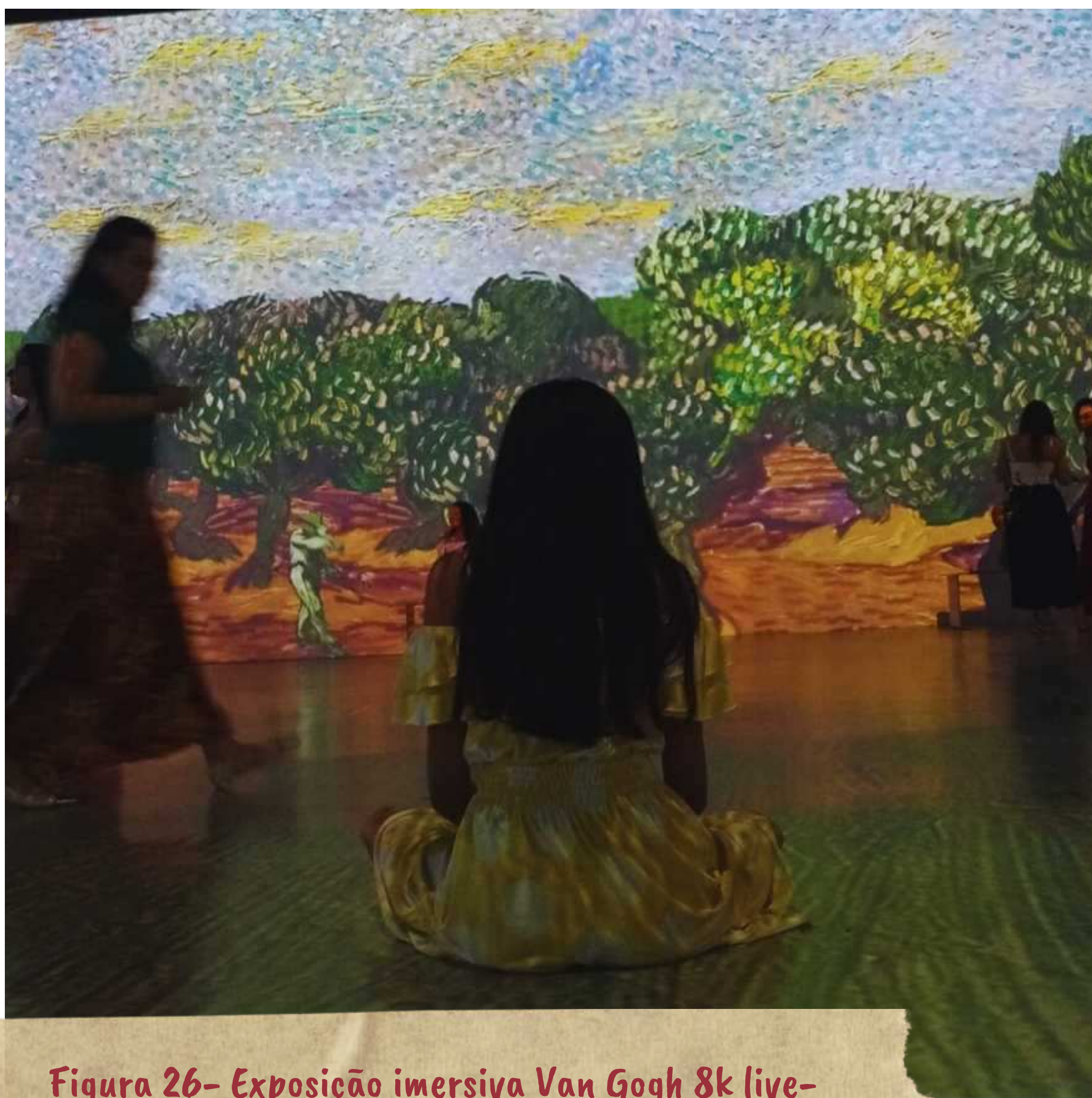


Figura 26- Exposição imersiva Van Gogh 8k live-
Fortaleza/CE

Quando mergulhei nessa experiência surgiu, naturalmente, a vontade de compartilhar com as crianças um pouco do impacto que a obra causou em mim, desejando que elas também fossem tocadas pelas obras desse artista. Entretanto, as crianças já estavam engajadas em outro projeto naquele momento. Além disso, eu estava interessada em explorar as potencialidades da Arte, a partir das vivências e experiências cotidianas das crianças. Dessa forma, no momento oportuno, decidi introduzir as vivências com as obras de Van Gogh, relacionando com o que estava sendo feito em sala de aula.

Ao refletir sobre possíveis abordagens criativas, a partir da minha experiência, apoio-me nos argumentos de Cunha (2023) segundo o qual, para viabilizar os processos de criação é essencial que as educadoras estejam cientes de que suas representações visuais e as imagens que apresentam têm impacto na maneira como as crianças expressam suas linguagens visuais. Dessa forma, a fim de proporcionar às crianças oportunidades de explorar diversas formas de expressão artística, é imprescindível que as educadoras superem o receio de desenvolver seus próprios caminhos inventivos e possam estabelecer parcerias criativas com as crianças, ao se aventurarem juntas, compartilhando descobertas nas diferentes formas de expressão artística.

Promovi uma introdução histórica apresentando o artista de forma que as crianças pudessem ter uma visão geral de sua obra e trajetória. A fim de adequar a linguagem ao meu público-alvo, levei em consideração a faixa etária e o nível de compreensão das crianças, apresentando elementos acessíveis a elas. Destaquei situações e aspectos que poderiam despertar interesse e reflexão. Como recurso pedagógico, utilizei a história "Van Gogh e a cor do sol" de Caulos, que conta de maneira sutil parte da vida do artista holandês que foi em busca do sol e se estabeleceu em Arles, no sul da França, onde produziu algumas de suas obras mais significativas.

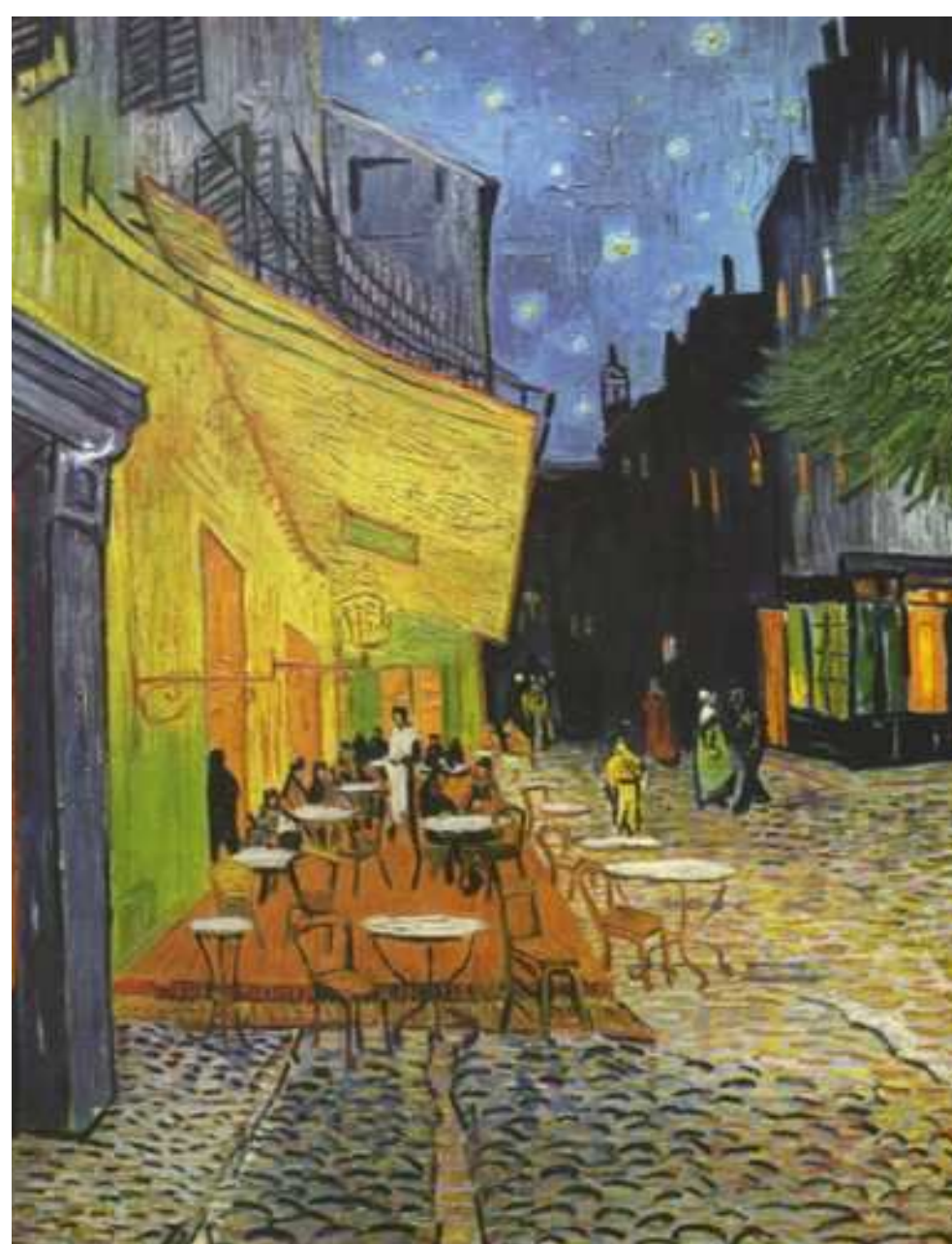


Figura 27 -Noite Estrelada sobre o Ródano (1888)

Figura 28-Terraço do café na place du Forum, Arles, à noite (1888).

Figura 29-A noite estrelada de Van Gogh (1889)

As crianças se encantaram com a história do artista em busca do sol, demonstrando grande empolgação. O tom amarelo presente nas pinturas as fez lembrar o eclipse solar que presenciaram recentemente, antes mesmo da proposta de trabalhar com as obras do artista. Apresentei algumas obras que destacavam a cor amarela do sol, bem como outras obras importantes do artista para que pudessem apreciar e interpretar as imagens. Os debates e as conversas que surgiram entre as crianças fizeram-me perceber a importância de apresentar obras de artes para ampliar seus horizontes visuais.



Figura 30- Crianças fazendo a apreciação de obras de Van Gogh

No momento de leitura das obras, as crianças apontam para várias pinturas, onde a cor amarela se destaca. Elas levantaram questões relacionadas ao passar do tempo, às formas, aos lugares e aos espaços. Percebi que o interesse pela observação de fenômenos naturais ainda é evidente, com foco especial no dia e na noite, que são bem representados nas pinturas de Van Gogh. Em seguida, dividi a turma em dois grupos para que pudessem realizar uma atividade coletiva, utilizando tinta guache, papel-cartão e papel kraft, inspirando-se nas obras do artista, criando, assim, um momento de fazer artístico.



Figura 31-releituras individuais de obras de Van Gogh

O primeiro grupo se inspirou na pintura "A Noite Estrelada" de Van Gogh, enquanto o segundo grupo decidiu criar uma cena de um dia ensolarado em contraste com a representação da noite, optando por destacar a cor amarela do sol presente nas obras do artista. Durante o processo de criação, as crianças incluíram elementos que são típicos do dia e da noite. Por exemplo, na representação do "dia ensolarado," elas discutiram situações cotidianas que experimentam durante o dia, como ir à praia, ir à escola, a hora do almoço e outras atividades do dia a dia, refletindo o tempo a partir de suas próprias vivências.



Figura 32- Representação da noite estrelada de Van Gogh

Figura 33- Criação do dia ensolarado com referência na cor amarela do sol das obras de Van Gogh

As crianças exploraram diferentes formas de interpretar imagens e criar obras inspiradas pelas obras do artista. Uma das mais conhecidas obras de Van Gogh, foi a pintura "Os Girassóis" de Van Gogh, que despertou grande interesse e entusiasmo entre os pequenos.



Figura 34- Crianças produzindo Os girassóis de Van Gogh
Figura 35- Os girassóis de Van Gogh pelo olhar e pelas mãos das crianças

Segundo Barbosa (2014) se ensinarmos às crianças a interpretar imagens criadas por artistas, capacitando-as a decifrar as imagens que as rodeiam em seu cotidiano, porquanto as crianças, tanto na escola quanto em outros ambientes sociais que frequentam, estão inseridas em locais onde a presença de imagens é frequente. Ao promovermos, na escola, uma análise em relação ao que as crianças estão vivenciando, é possível estabelecer uma "metalinguagem da imagem" conforme proposto pela autora citada. Ademais, essa interpretação poderá ultrapassar os limites da instituição, possibilitando que elas enxerguem o mundo ao seu redor com uma nova perspectiva.

CURIOSIDADE

Experiência

3

Quem é Vincent Van Gogh?



Esse renomado pintor holandês do movimento pós-impressionista, desde sua infância, esteve imerso na arte, influenciado, tanto por sua mãe quanto por seu tio. Constantemente, trocava cartas com seu irmão, Théo, compartilhando detalhes de sua vida e de suas criações. A perda de seu pai desencadeou uma explosão criativa, levando-o a expressar seu luto por meio de tonalidades mais sombrias em suas pinturas. Passado algum tempo, ainda melancólico, ele resolve viajar e passa pela Antuérpia, na Bélgica, antes de se estabelecer em Paris. Após um rigoroso inverno na capital francesa, ele se muda para Arles, no sul do país, onde passa a apreciar o tempo ao ar livre. Inspirado pelas cores quentes e pela luz local, o artista cria várias obras destacando a luminosidade intensa do sol, como os icônicos quadros de girassóis e outras pinturas famosas, como a "Noite Estrelada" sobre o Ródano (1888) e o "Terrço do Café," na Place du Forum, Arles, à noite (1888). Vincent Van Gogh enfrentou períodos delicados em sua saúde psicológica, com momentos de melancolia e isolamento, que o levaram a ser internado no Hospital de Saint-Rémy, que também utilizou como espaço de trabalho. A bela pintura "A Noite Estrelada" foi criada a partir da vista de sua janela, no quarto do hospital. Durante sua última fase, ele produziu, aproximadamente, 200 obras.

SUGESTÕES

Experiência

3

Observe atentamente as interações das crianças e crie o hábito de registrar suas observações;

Estimule as crianças a explorarem a natureza, encorajando-os a experimentar e criar roteiros de brincadeiras a partir dessa exploração;

Esclareça as dúvidas e as curiosidades das crianças durante os momentos de exploração e interação com a natureza;

Proponha produções criativas sobre as experiências vivenciadas pelas crianças;

Promova a interação das crianças com as próprias produções e as de seus colegas, estimulando a valorização da arte produzida na escola;

Estimule as crianças a refletirem sobre as interações e brincadeiras que realizam e amplie os seus repertórios, orientando novas formas de brincar;

Empreenda situações que explore vivências pessoais como meio de alargar o conhecimento em arte pelas crianças;

Proporcione às crianças oportunidades de explorar diversas formas de expressão artística;

Estabeleça parcerias criativas com as crianças, compartilhando descobertas nas diferentes formas de expressão artística;

Apresente obras de artistas que criem referências estéticas para as experiências vivenciadas pelas crianças e de acordo com os seus interesses;

REFERÊNCIAS

Experiência

3

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Noite_Estrelada_Sobre_o_R%C3%B3dano

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Terra%CA7o_do_Caf%C3%A9_%C3%A0_Noite

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/A_Noite_Estrelada

<https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/os-girassois-entenda-a-obra-de-vincent-van-gogh>

<https://palazzohomedecor.com/blogs/teste/van-gogh-arte-e-vida>

PRODUÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS: IMERGINDO NO FANTÁSTICO UNIVERSO DE CHICO DA SILVA

Experiência

4

Com o intuito de integrar os saberes adquiridos durante as aulas de Artes Visuais, ao longo do ano letivo, e percebendo a importância de conectar as crianças a um ambiente educacional relacionado às suas experiências pessoais, e observar como elas se relacionam com a natureza e incorporam isso às suas brincadeiras diárias, decidi levar as crianças a conhecer um pouco da obra de Chico da Silva.

Os olhares voltados à rotina diária, à vida ao ar livre e às tonalidades, inspiraram as crianças a conhecer a obra de Chico da Silva, artista brasileiro conhecido por seu estilo naïf. Inicialmente, ele utilizava carvão e giz para desenhar nos muros dos pescadores, retratando com cores vivas lendas amazônicas, plantas, animais, lembranças da infância, rituais e práticas mágicas. Chico da Silva fundou a “Escola do Pirambu,” localizada em Fortaleza, que se tornou uma das mais marcantes experiências de arte coletiva no Brasil. De acordo com Lucas Dilacerda (2024), um dos autores que contribuiu com o livro “A escola do Pirambu: um legado de Chico da Silva,” a instituição de ensino era única e inovadora. Sua missão não era apenas educar, mas inspirar sonhos. Ali, o potencial dos alunos era amplificado e o inatingível se tornava possível. A comunidade local se viu envolvida em práticas artísticas, transformando o improvável em algo comum. Naquela escola tanto, os professores quanto os estudantes compartilhavam conhecimento de forma mútua (Dilacerda, 2024).

A instituição de ensino se tornou um modelo de local onde a liberdade é promovida, facilitando encontros, compartilhando conhecimentos e experiências tanto, individuais quanto coletivas. Ao planejar as atividades, veio-me a ideia de mostrar às crianças como a arte está presente em seu cotidiano, trazendo um artista que possui uma importante ligação com o bairro e que estimulou a criação coletiva como forma de mudança social, por meio de sua obra.

Meu interesse por promover essa interação das crianças com as obras e a história do artista surgiu quando alguns estudantes e artistas do IFCE-Campus Fortaleza participaram, trazendo propostas de atividades em Artes Visuais com as crianças dessa faixa etária durante um estágio supervisionado realizado com as turmas em que lecionei no ano de 2023. Um dos artistas, chamado Faso, colaborou comigo para executar o projeto de trabalho com as obras de Chico da Silva. Inicialmente, apresentei a proposta, mencionando que nossa escola está localizada perto do Bairro Pirambu e que várias crianças moram lá. Ele se interessou pela ideia e juntos organizamos as atividades e as colocamos em prática.

Na primeira aula, compartilhei a trajetória de Chico da Silva com as crianças que ficaram fascinadas ao descobrir que o artista tinha vivido no mesmo Bairro que eles sempre mencionavam ao comentar sobre o lugar onde residem. Para contextualizar, de forma adequada à idade das crianças, decidi tornar a apresentação da história de Chico da Silva mais dinâmica, destacando momentos marcantes da vida do artista em pedaços de papel dentro de uma caixa. As crianças pegavam os pedaços de papel um a um, absorvendo as experiências ali descritas pouco a pouco. Enquanto isso, eu fazia observações e as crianças faziam comentários, principalmente, se impressionando ao perceber a ligação da história do artista com a vida delas, a partir do local onde moram, gerando um sentimento de identificação.

As problemáticas envolvidas no desenvolvimento de práticas que levem em consideração as experiências das crianças e suas realidades são instigantes, pois contribuem com a construção de um sentimento de pertencimento e de identificação como sujeitos que estão atentos ao que acontece ao seu redor, que participam ativamente da vida em sociedade e que reconhecem a importância de compreender como a comunidade se estrutura, assim como as narrativas que se entrelaçam e moldam sua herança cultural.



Figura 36- Chico da Silva: contextualização histórica com as crianças

Expor as produções de Chico da Silva foi uma maneira de mostrar às crianças a presença da arte no dia a dia, possibilitando que elas utilizassem suas raízes culturais como base para suas próprias criações, se inspirando no trabalho do artista para expressar suas ideias e experimentar novas técnicas, interagindo com uma ampla variedade de manifestações culturais.

Coloquei a imagem do pintor e algumas de suas criações na sala de aula para que as crianças pudessem observar e assimilar, utilizando a linguagem visual como ferramenta para enriquecer seu conhecimento.

Na aula subsequente, Faso, o artista, interagiu com as crianças, falando sobre Chico da Silva, ressaltando as principais influências do artista, como a história de sua mudança do Acre para o Ceará na infância, indo residir no Bairro Pirambu, onde iniciou sua carreira como pintor, utilizando carvão para expressar sua arte nas paredes das casas locais; depois, as cores intensas passaram a compor suas obras, representando elementos, criaturas fantásticas e animais que ele retratava em seus trabalhos. Alguns alunos participaram da discussão, compartilhando o que já sabiam, relembrando, especialmente, os momentos mais significativos, como o local de moradia de Chico e os animais que reconheciam nas pinturas. Frases como “tio, eu também moro no Pirambu,” “esse aqui é um peixe,” “olha uma borboleta,” foram algumas das observações feitas pelas crianças.



Figura 37-Conhecendo obras de Chico da Silva

Nas pinturas de Chico da Silva, além das problemáticas sociais representadas, as crianças tiveram a oportunidade de explorar as diferentes tonalidades, as estratégias empregadas pelo pintor, refletindo sobre a sua própria comunidade e tradições, e imaginando histórias que envolviam criaturas mágicas.

A leitura de imagens, feita pelas crianças, é fundamental por diversos motivos: permite que elas desenvolvam uma percepção estética, criem conceitos sobre diferentes formas, espaços, elementos da natureza, seres reais e fictícios, o que as leva a assimilar novos pensamentos e emoções. As reflexões que surgem ao interpretar uma imagem podem levá-las a explorar lugares e universos imaginários, por meio de diferentes leituras, levando em consideração a diversidade de ideias e percepções que cada criança desenvolve, ao entrar em contato com obras de arte.

Depois dessa introdução e análise das obras que estavam em exposição, Faso convidou as crianças a criarem um mural, na parede externa da sala de aula. Para facilitar a compreensão da turma, escolhemos uma obra com a representação de Peixes, pois muitas crianças vivem perto do mar, estão familiarizados com a pesca e entendem o que a obra representa. Faso explicou às crianças o processo de criação do mural, enfatizando a técnica do pontilhismo, na qual os artistas criam suas obras com pequenos pontos de cores próximos uns aos outros, sem misturá-las, criando uma mistura óptica aos olhos do espectador. No início, as crianças não entenderam completamente como fazer, mas gradualmente, foram se familiarizando com a técnica.

A pintura foi feita com uma tinta desenvolvida por Faso a partir da combinação de corantes, com o objetivo de obter diferentes cores para que as crianças pudessem usar. Elas foram separadas em grupos pequenos para garantir que tivessem tempo e espaço suficientes, facilitando a interação com o artista que coordenava a atividade. Dessa forma, começaram a criar.



Figura 38- Peixes- Obra de Chico da Silva

Figura 39-Crianças produzindo o mural coletivo inspirado em Chico da Silva

Figura 40-Eu e as crianças na produção do mural inspirado em Chico da Silva

Meu envolvimento com as criações das crianças, especialmente em atividades em grupo, ajudou a fortalecer a autoconfiança delas, mostrando que a professora apoia e valoriza suas ideias, ao mesmo tempo em que incentiva a independência, destacando que todos têm capacidade para criar arte, garantindo que todas tenham participação ativa, fator fundamental para a construção do aprendizado. Além disso, conforme destacado por Freire (1983), essas produções em conjunto possibilitam que as crianças reflitam sobre seus próprios espaços e sobre os espaços compartilhados, levando-as a entenderem que, para colaborar, é preciso respeitar os limites individuais, valorizando o respeito ao tempo e ao espaço do outro.

Estar presente, ao lado das crianças durante esses momentos de criatividade, faz-me refletir sobre as oportunidades de aprendizagem que estou oferecendo, construindo um caminho autoral e explorando, juntamente com elas, maneiras de mergulhar no mundo da arte. Juntos, viajamos por diferentes lugares e épocas, descobrindo um universo de possibilidades proporcionado pela arte.

[“Não é de estranhar, pois, que as crianças se encontrem nas suas atividades e as percebam como algo delas, ao mesmo tempo em que vão entendendo o meu papel de organizadora e não de “dona” de suas atividades ” (Freire, 1983, p. 21).

Além de criar o mural em grupo, sugeri que cada um fizesse suas próprias construções inspiradas em obras de Chico da Silva, como: Peixes (1971), Árvore com batráquios e figura humana, Pavão (1973), Borboleta e flores (1971). Durante essa atividade, utilizamos materiais como guache, pincéis e cartolina.

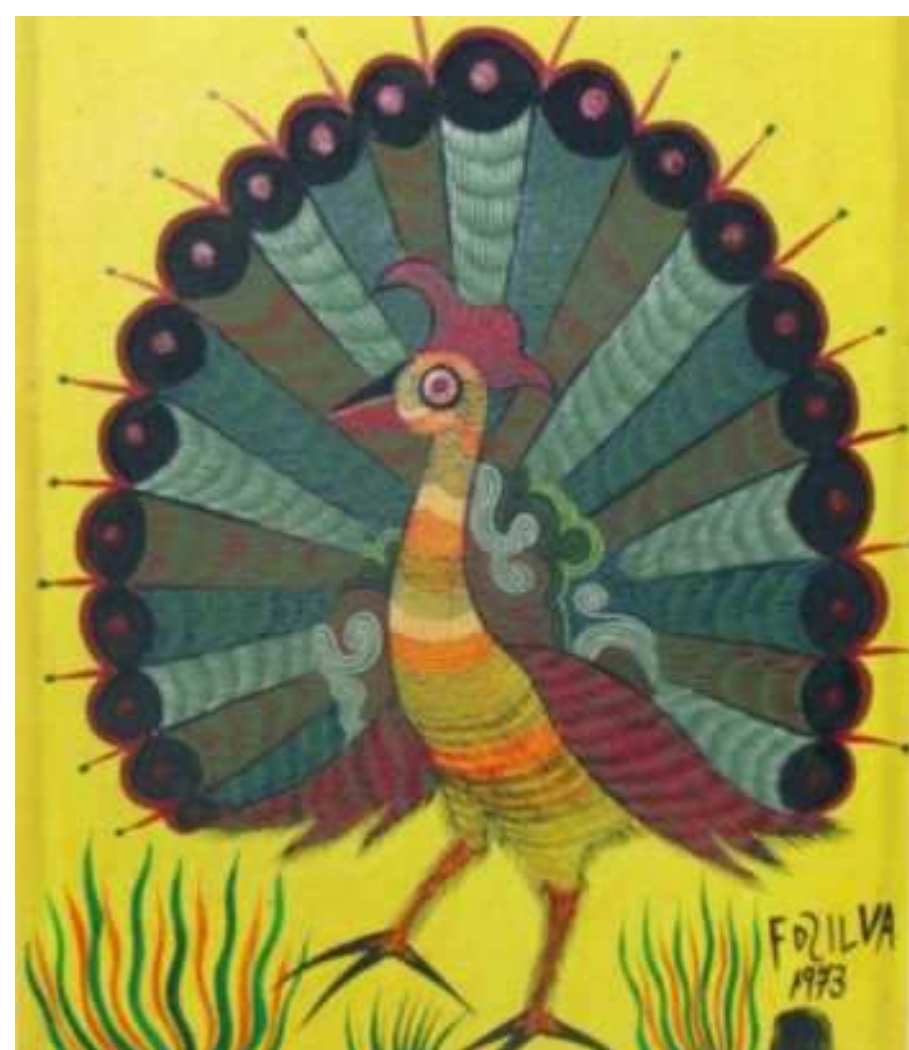


Figura 41- *Árvore com batráquios e figura humana* de Chico da Silva

Figura 42- *Pavão*, obra de Chico da Silva

Figura 43- *Borboletas e flores* (1971) obra de Chico da Silva

Figura 44- Crianças produzindo releitura da obra *Peixes* (1971) de Chico da Silva

Solicitei às crianças que trouxessem para a escola alguns materiais diversos, como rolo de papel higiênico, potes reutilizáveis, papelão, pratos de bolo, entre outros, com o intuito de produzir uma nova versão da obra “Árvore com Batráquios e Figura Humana.” Além disso, elas utilizaram tinta guache, cola colorida e pincéis. Foi explicado que as criações feitas por elas seriam expostas do lado de fora, penduradas em uma árvore próxima à sala de aula, o que as deixou muito animadas.



Figura 45- Crianças produzindo a releitura da obra *Árvore com batráquios* de Chico da Silva

Figura 46- Releitura da obra *Árvore com Batráquios* de Chico da Silva

Baseando-se na obra *Pavão* (1973), os pequenos também fizeram uma nova versão, usando materiais como tinta guache, pratos de bolo e cabogas. Esse foi um momento significativo de convívio, no qual tiveram a oportunidade de explorar a imaginação mesclando diferentes cores e tonalidades, manifestar suas escolhas, e experimentar novas maneiras de criar, através da utilização de cores variadas e materiais fornecidos.



Figura 47- Crianças produzindo a releitura da obra *Pavão* (1971) de Chico da Silva

Figura 48- Releitura da obra *Pavão* (1971) de Chico da Silva

Observando o envolvimento das crianças com as produções inspiradas na obra de Chico da Silva e sabendo do seu particular interesse pelos elementos da vida cotidiana, do imaginário amazônico e indígena, compondo com cores vibrantes uma natureza exuberante, as crianças foram convidadas a olhar para os espaços externos à sala de aula e estimuladas a construir uma narrativa visual, a partir da observação de elementos da natureza que lhes chamassem a atenção, percebendo os detalhes e capturando, por meio da fotografia, esse lugar que elas exploram diariamente, dessa vez com um olhar estético.

E como levar as crianças a olharem as coisas com sentido estético? Primeiro, precisamos enxergá-las com potencial inclinação para as descobertas, para imaginar e criar sentidos. Depois, criar cenas pedagógicas que potencializem esse senso estético, o interesse de desvendar as coisas e tudo que as rodeiam. Os recursos pedagógicos que são utilizados também configuram elementos importantes para a materialização das cenas. Nesse contexto:

O objetivo é desenvolver a percepção e a imaginação para capturar a realidade circundante[...], estimular a capacidade criadora não só para materializar o imaginado, mas também para responder adequadamente à realidade percebida e analisada modificando-a ou transformando-a. (Barbosa;2022, p.2)

Quando entendemos, como educadores, que a experiência que as crianças vivenciam são múltiplas, a depender das possibilidades que elas têm de criar e reinventar, podemos vislumbrar novos modos de intervir, de proporcionar diferentes cenas estéticas e pedagógicas criando outros meios de fazer arte, com um direcionamento distinto do que os modos convencionais apontariam.

Apresentar a obra do Chico da Silva como uma inspiração para conduzir as crianças em suas experimentações artísticas abriu um conjunto de viabilidades, entre elas a fotografia, proporcionando uma vivência singular, em que as crianças puderam enxergar as miudezas que, muitas vezes, passam despercebidas ao olhar o cotidiano e capturar com sutileza, através das lentes da câmera do celular. A seguir, apresentam-se algumas imagens capturadas pelas crianças, nos espaços externos da escola e suas definições:



Figura 49- Olhando para o alto (Kyara, 6 anos).



Figura 50- Tronco velho (Vitória, 6 anos).



Figura 51- Flor branca (Ana Júlia, 5 anos).

Experiência

4



Figura 52- Pé da planta (Saulo, 6 anos)

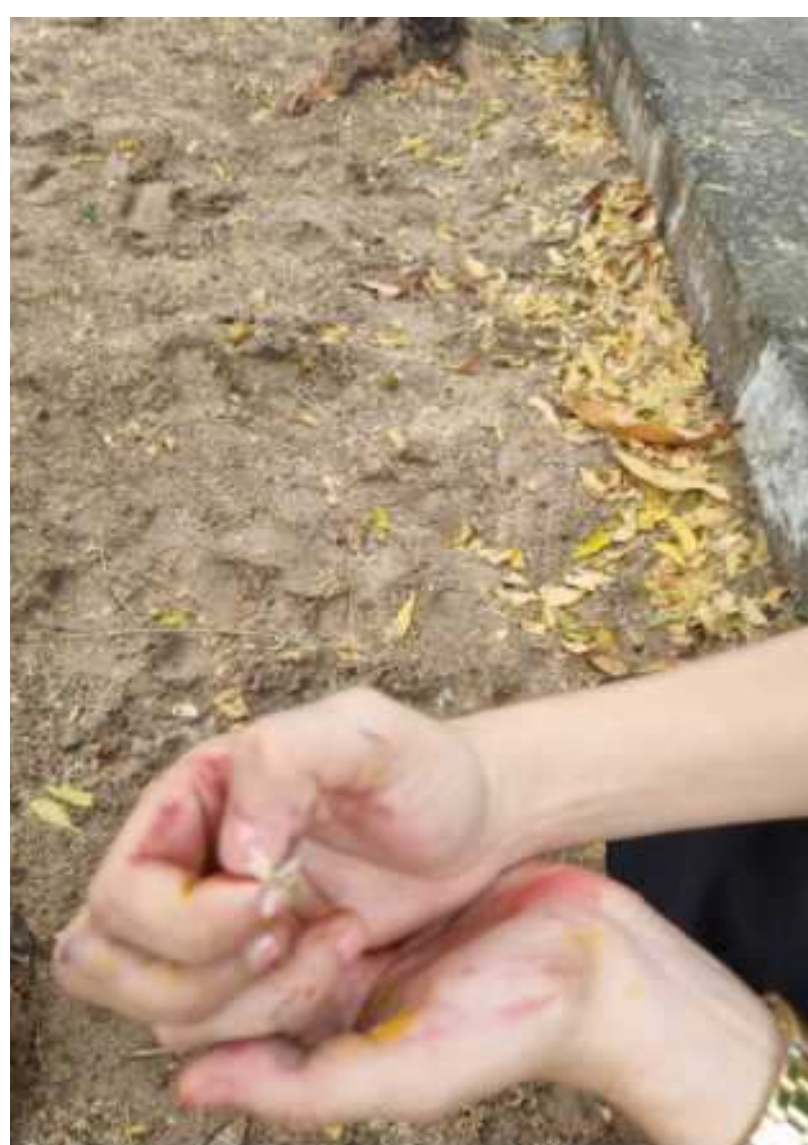


Figura 53- Pequena flor (Beatriz, 5 anos)

Esta oportunidade levou as crianças a exercitarem a reflexão sobre o contexto em que vivem e as coisas que as cercam, percebendo e capturando, não somente com os olhos, mas principalmente, com a emoção cada imagem fotografada.

A convivência das crianças com a arte desse conhecido artista se revelou significativa, não apenas pelo legado que deixou, transformando-se em um modelo, mas também pela identificação com a vida de muitas crianças que residem no Bairro Pirambu, ou em suas proximidades. As cores vibrantes, a técnica do pontilhismo, os traços simbólicos de Chico da Silva foram elementos presentes nas experiências criativas vivenciadas pelas crianças, ao se inspirarem nas obras do artista. Todos os trabalhos elaborados fizeram parte da exposição “Mostra de Artes Visuais: experiências estéticas pelo olhar da criança,” realizada no término do ano de 2023, na instituição em que atuo e onde foi conduzida a investigação.

CURIOSIDADE

Experiência

4

Quem é Chico da Silva?



Francisco Domingos da Silva, mais conhecido como Chico da Silva é um artista nascido no Acre, que veio para o Ceará e começou a pintar, inicialmente, com carvão e giz nas paredes de Fortaleza, principalmente no Bairro Pirambu. Descoberto na década de 1940 pelo artista suíço Jean Pierre Chabloz, ele começou a pintar usando tinta guache. É considerado um “gênio primitivista” no Brasil inserido do movimento Naif. Com estilo único, Chico da Silva deu importante contribuição à arte cearense representando, através de seu colorido e sua simbologia, mitos, animais, lendas, cotidiano e seres fantásticos.

SUGESTÕES

Experiência

4

Oportunize às crianças experiências com artistas regionais e locais no cotidiano escolar, explorando o reconhecimento e a identificação destas com seu lugar de pertencimento;

Observar como as crianças se relacionam com a natureza e incorporam isso em suas brincadeiras diárias;

Mostrar às crianças como a arte está presente em situações cotidianas por meio da observação do meio e de obras de artistas que tem uma história com o lugar onde moram;

Promover o acesso das crianças a uma variedade de manifestações culturais, explorando o que artistas de diferentes origens produzem;

Estimular a percepção estética das crianças sobre diferentes formas, espaços, elementos da natureza, seres reais e fictícios, por meio da obra de Chico da Silva.

Apresentar diferentes técnicas, considerando a faixa etária e o nível de compreensão das crianças.

REFERÊNCIAS

Experiência

4

<https://dasartes.com.br/materias/chico-da-silva/>

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/91745-arvore-com-batraquios-e-figura-humana>

https://br.pinterest.com/pin/106679084917239032/sent/invite_code=6d6df9637dd84d57a245f0a2b60c52e5&sender=843158498895271775&sfo=1

https://br.pinterest.com/pin/346003183883476863/sent/invite_code=8c2823e3f1164bb2b28451c66c72d2f2&sender=843158498895271775&sfo=1

<https://mauc.ufc.br/pt/acervo-colecoes/colecao-chico-da-silva/>

MOSTRA DE ARTES VISUAIS: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS PELO OLHAR DA CRIANÇA

Durante todo o percurso trilhado com as crianças, fui refletindo sobre formas de oportunizar o contato, a interação e a imersão no universo das Artes Visuais, sabendo que elas têm poucas oportunidades de frequentar espaços de valorização da arte, como exposições, visitas a museus, mostras artísticas, dentre outros.

Minha ideia era que os trabalhos produzidos, ao longo do ano de 2023, fizessem parte de uma exposição que movimentasse toda a escola, como forma de apresentar à comunidade escolar o que estávamos produzindo, as contribuições para a prática, por meio da pesquisa dentro do campo das Artes Visuais. Ressalto aqui a importância desses eventos organizados para que todos os envolvidos no processo educativo possam prestigiar os trabalhos das crianças, e presenciar o resultado de um trabalho coletivo, entendendo a escola como um espaço que valoriza a expressão infantil, as inspirações estéticas e suas reverberações na aprendizagem das crianças.

Organizar uma vivência como essa, requer disposição e tempo para pensar em cada detalhe, na construção estética, e nos recursos necessários para dar suporte aos trabalhos. Nesse contexto, a Mostra foi realizada em dezembro de 2023, após sua organização e seleção dos trabalhos produzidos pelas crianças e a escolha da estrutura que deu suporte à exposição, configurando uma etapa importante para que as produções infantis tivessem a devida valorização e fossem apresentadas de forma harmoniosa.

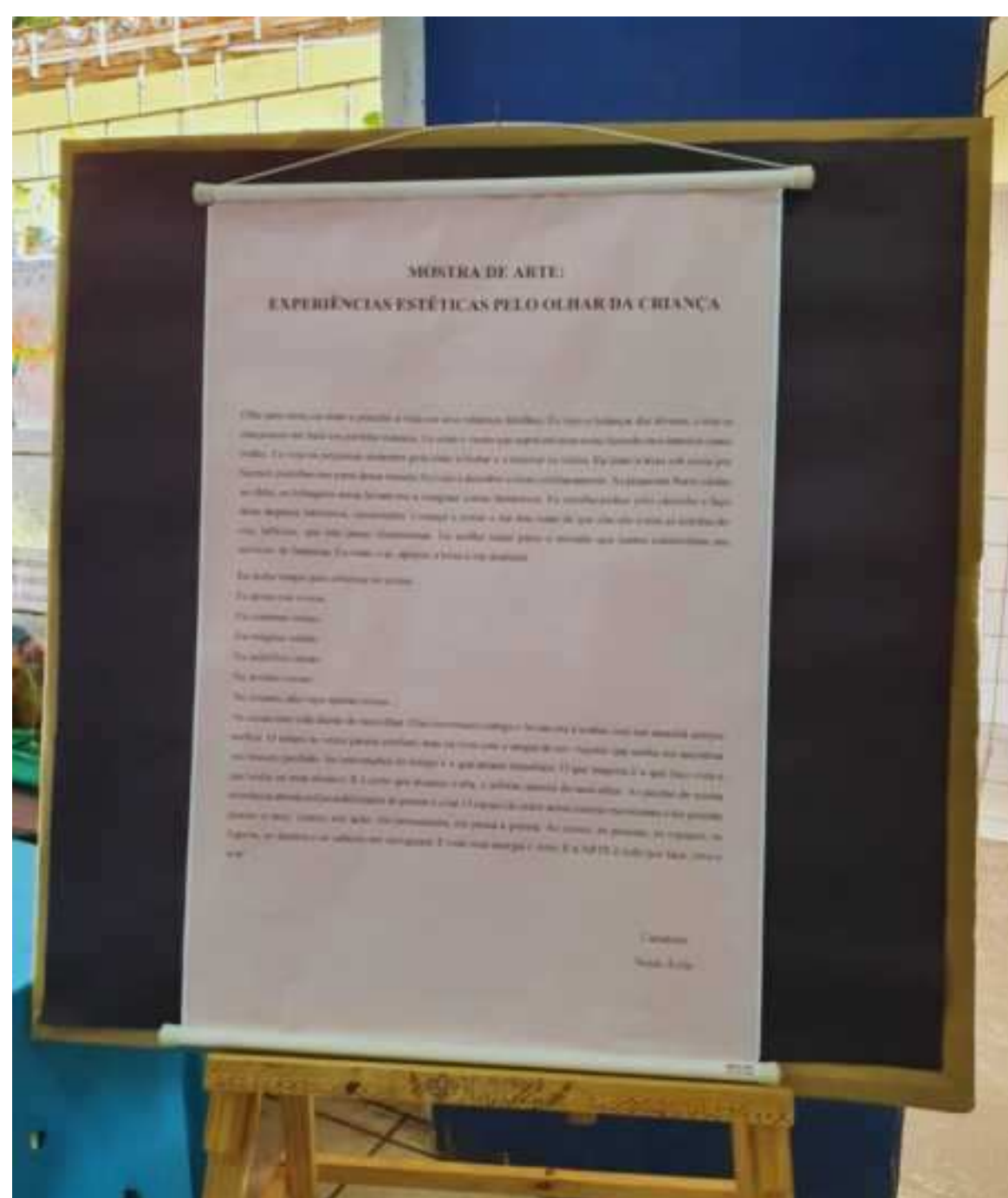



Figura 54- Mostra de Artes: experiências estéticas pelo olhar da criança.

A foto aqui apresentada mostra o texto da curadoria da “Mostra de Artes Visuais: “experiências estéticas pelo olhar da criança,” descrito a seguir:

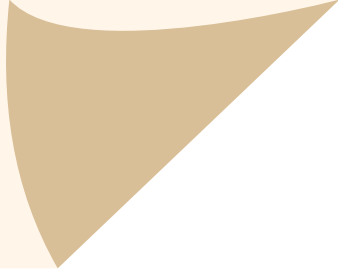
Olhe para mim, eu sinto e percebo a vida em seus mínimos detalhes. Eu vejo o balançar das árvores, como se dançassem um balé em perfeita sintonia. Eu sinto o vento que sopra em meu rosto fazendo movimentos como ondas. Eu vejo as pequenas sementes pelo chão a brotar e a renovar os ciclos. Eu sinto a terra sob meus pés fazendo perceber-me parte desse mundo. Eu vejo e descubro coisas cotidianamente. As pequenas flores caídas ao chão, as folhagens secas levam-me a imaginar coisas fantásticas. Eu recolho pedras pelo caminho e faço delas degraus, labirintos, construções.



Mostra



Começo a contar e me dou conta de que elas são como as estrelas do céu, infinitas, que não posso dimensionar. Eu acolho meus pares e entendo que juntos construímos um universo de fantasias. Eu sinto o ar, aprecio a brisa a me acariciar. Eu tenho tempo para observar as coisas. Eu penso nas coisas. Eu construo coisas. Eu imagino coisas. Eu modifico coisas. Eu invento coisas. No entanto, não vejo apenas coisas. As coisas têm vida diante de meu olhar. Elas conversam comigo e levam-me a sonhar com um amanhã sempre melhor. O tempo às vezes parece confuso, mas eu vivo com a magia de um viajante que sonha em encontrar seu tesouro perdido. As convenções de tempo é o que menos importam. O que importa é o que faço com o que tenho ao meu alcance. E é certo que alcanço o céu, o infinito através do meu olhar. As janelas de minha existência abrem mil possibilidades de pensar e criar. O espaço do outro nesse intenso movimento é tão potente quanto o meu. Juntos, em ação, em pensamento, em prosa e poesia. As coisas, as pessoas, os espaços, os lugares, os fazeres e os saberes me energizam. E toda essa energia é Arte. E a ARTE é tudo que faço, vivo e sou. (Texto produzido pela autora, 2023).



A mostra de arte foi realizada na própria sala de aula, por falta de espaço em outras dependências da instituição. Apesar de a escola ter amplo espaço externo, pela logística da exposição, achei mais adequado um espaço fechado, para que ficasse mais organizado e para a melhor fixação dos objetos e das imagens a serem expostas.



Figura 55- Exposição olhando pela janela.

A exposição "Olhando pela janela" fez parte da mostra, apresentando um dos projetos desenvolvidos com as crianças, trazendo representações de processos identitários, com um olhar para a cidade, os espaços onde elas vivem, os lugares que frequentam, as formas de vida e os elementos que são percebidos nessa interação com o meio externo. Por meio da recriação, da percepção da vida cotidiana, as crianças foram estimuladas a expressarem suas ideias, com fundamento no conhecimento de obras de artistas, correlacionadas ao processo de criação, o que possibilitou o entrelaçamento da arte com a experiência.

As visitas ocorreram seguindo uma sequência que foi organizada pela coordenadora pedagógica da escola, de modo que todas as turmas pudessem participar. Assim, as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar um verdadeiro momento de apreciação e fruição estética.



Figura 56- Crianças participando da Mostra de Artes Visuais “Experiências estéticas pelo olhar da criança”.



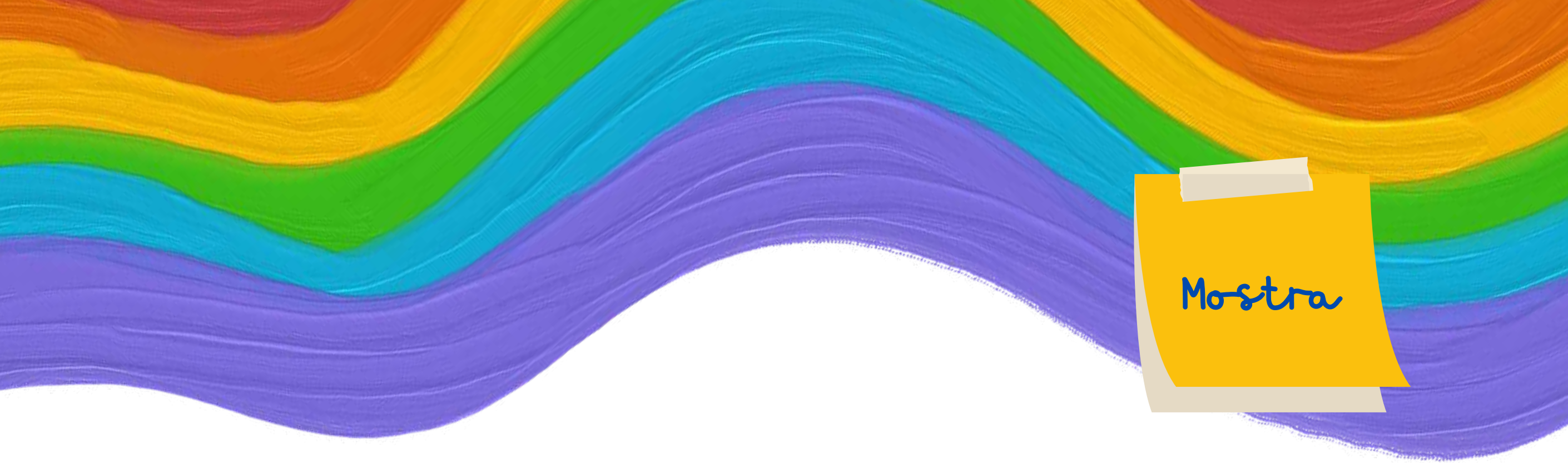
Figura 57- Crianças apreciando as produções artísticas.



Figura 58- De olho na obra: criança apresentando suas produções.



Figura 59- Reverberações artísticas: Apreciação coletiva das produções artísticas.



Mostra



Figura 60- Produções criativas com materiais não convencionais.



Figura 61- Exposição Van Gogh e a Cor do sol



Figura 62- Produções coletivas: dia ensolarado e noite estrelada



Figura 63- Exposição: O fantástico universo de Chico da Silva

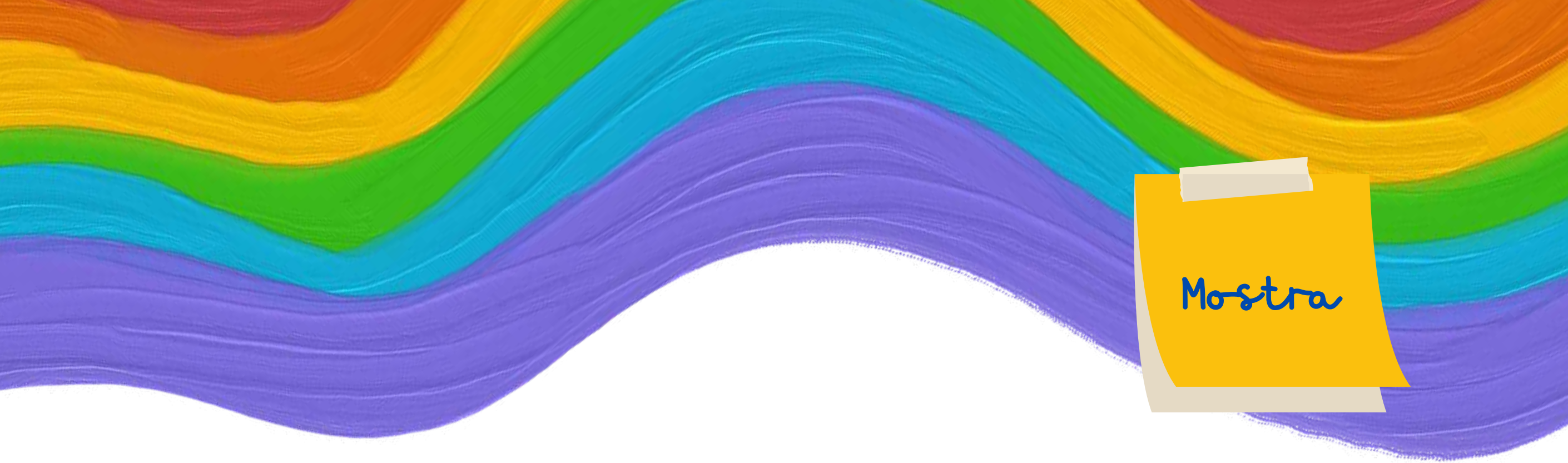


Figura 64- Peixes voadores



Figura 65- Árvores, borboletas e batráquios.

Mostra



Figura 66- Pavão e suas cores.



Figura 67- Poéticas visuais: fotografando espaços e elementos naturais.



Figura 68- Visitação e apreciação das produções pelas crianças.



Figura 69- Famílias participando da Mostra artística.

Mostra



Figura 70- Exposição Quem viu o eclipse?



Figura 71- Imagem representativa do tempo, dia de sol/guarda-sol.



Figura 72- imagem representativa do tempo, dia de chuva/guarda-chuva.



Figura 73- Crianças vivenciando a experiência "Viajando pelo espaço".

A experiência mostrada anteriormente, fez parte da “Mostra Artística,” como parte da exposição “Quem viu o eclipse?” que consistiu na imersão das crianças em um ambiente que simulava o espaço, com os planetas que foram produzidos por elas com tinta guache e isopor e corpos celestes que foram projetados por meio de um mini projetor. Essa foi uma das experiências que mais chamaram a atenção das crianças, que ficaram encantadas com o jogo de luzes e todas as possibilidades imaginativas que esse universo oferece.

No dia da realização da Mostra artística, contei com a colaboração de colegas do mestrado e do artista Faso que fez a parceria que oportunizou a experiência com a obra de Chico da Silva (ver 6.4). Juntos, mediaram um momento de interação e de produção artística por meio da pintura. Minha ideia era que todas as turmas da escola pudessem vivenciar uma pequena demonstração do que as crianças do Infantil 5 tiveram oportunidade de vivenciar ao longo do ano de 2023.



Figura 74- crianças fazendo experimentações com a pintura.

As situações vivenciadas pelas crianças são parte de uma sequência de ações que se complementam, que foram sendo organizadas na rotina, de acordo com as respostas aos estímulos, as percepções diretas durante as próprias elaborações das crianças, criando uma base para novas aprendizagens em Arte. As imagens mostradas anteriormente, apresentam um recorte das experiências das quais as crianças participaram, tendo como fundamentos principais, a autonomia e a criatividade.

Criar possibilidades para que elas possam se expressar e desenvolver habilidades fundamentais que as acompanharão ao longo da vida é essencial nessa etapa escolar, que requer disposição e comprometimento com o desenvolvimento infantil. Além disso, há que se considerar o contexto em que as crianças se inserem, respeitando as individualidades e os interesses que ali se manifestam.

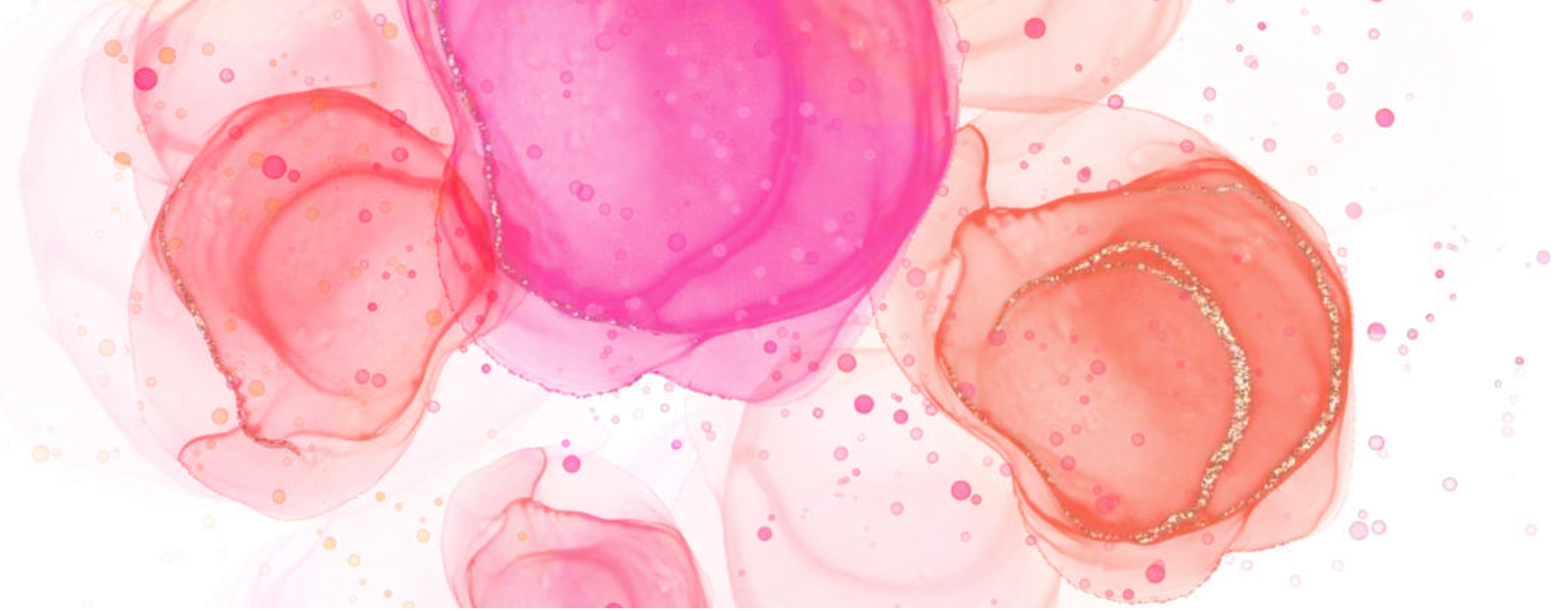
Para além dos interesses infantis, é necessário saber se o que ofertamos como possibilidades de aprendizagem e como educadores, está atendendo às reais necessidades das crianças. De acordo com Dewey (2010, p. 130) “o fazer chega ao fim quando seu resultado é vivenciado e reconhecido como bom, e essa experiência não vem por um mero julgamento intelectual e externo, mas na percepção direta.” Digo ainda que é preciso muita observação e interesse genuíno de fazer a transformação acontecer.

CONCLUSÃO

O percurso realizado durante as experiências fez-me refletir sobre o lugar de quem aprende e o papel do professor como mediador das vivências, tendo como foco o protagonismo das crianças e o repertório prévio que elas trazem para o ambiente escolar, como potencializador de uma aprendizagem com significado. Esse repertório vai sendo ampliado na medida em que elas se envolvem em práticas que considerem o potencial dessas referências para o desenvolvimento infantil.

Na Educação Infantil, como primeira fase da educação escolar, é fundamental valorizar as criações artísticas das crianças, seus interesses e desejos, relacionando com os conhecimentos do ambiente em que estão inseridas. A partir das referências que já construíram fora da escola, é possível elaborar estratégias pedagógicas que estimulem, não apenas, o senso estético e criativo, mas também uma visão crítica e reflexiva sobre a realidade que as envolve.

Entendo que é crucial refletir sobre o caminho a ser seguido, além de pensar sobre o desenvolvimento criativo das crianças no campo das Artes Visuais, esse estudo me permitiu reavaliar minha função como educadora e reconsiderar quais métodos de ensino podem ser eficazes e como explorar novas abordagens sem cair na armadilha apontada por Barbosa (2002), que diz que muitos educadores, por falta de embasamento teórico e prático, estão adotando práticas que dizem ser "inovadoras," mas que se assemelham a práticas antiquadas, sem uma reflexão aprofundada que conduza a um ensino mais deliberado e contextualizado. Não basta que o professor conheça as condições necessárias para a aprendizagem, é fundamental que haja condições adequadas ao ambiente escolar, para que as crianças tenham oportunidades diversas de serem protagonistas.



A arte é uma área importante na Educação Infantil e as atividades artísticas devem ser cuidadosamente planejadas e integradas ao currículo, para que as crianças tenham a oportunidade de explorar diferentes formas de expressão. A utilização de diferentes recursos possibilita a ampliação de vivências e de construção de um acervo essencial à formação e desenvolvimento de habilidades básicas pelas crianças. A seleção de recursos deve ser realizada de acordo com as necessidades, os interesses e as experiências individuais das crianças, o que exige uma compreensão mais profunda do processo educacional.

Por fim, destaco que, ao buscar estratégias mais adaptadas ao contexto, é essencial que o professor reconheça a importância da Arte como uma área de conhecimento. Dentro desse contexto, o ensino das Artes Visuais auxilia a refletir sobre como a criança concebe a Arte, como se torna protagonista da experiência e como a percepção visual influencia na construção de significados sobre o mundo ao seu redor, por meio da criação e interpretação de obras visuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A.M. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, A.M.. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 9. ed. São Paulo; Perspectiva, 2014.

BARBOSA, A.M. *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez. 2002.

BARBOSA, A.M.. *Revista GEARTE*, [s.], v.9, 2022. Disponível em:[https:// seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/127855](https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/127855) . Acesso em: 23 out. 2024.

CUNHA, S. R. V. da. *Arte/Educação, Infância e cultura visual: Territórios da docência e pesquisa*. Porto Alegre: Zouk, 2023.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. Org. Jo Ann Boydston; Tradução-Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes- Selo Martins, 2010.

DILACERDA, L. *A escola que aprendeu a falar a língua dos seres invisíveis*. In :Flávia Muluc (org,) *A escola do Pirambu: um legado de Chico da Silva*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2024.

FERRAZ, M. H. C.de T.; FUSARI, M. F. de R.. *Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições*. 3,ed. São Paulo: Cortez, 2018.

FREIRE, M. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Vanderley Geraldi. – 1. ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OSTETTO, L.E. *Registrosna educação infantil:pesquisa e práticapedagógica*. Campinas,: Papirus, 2017.

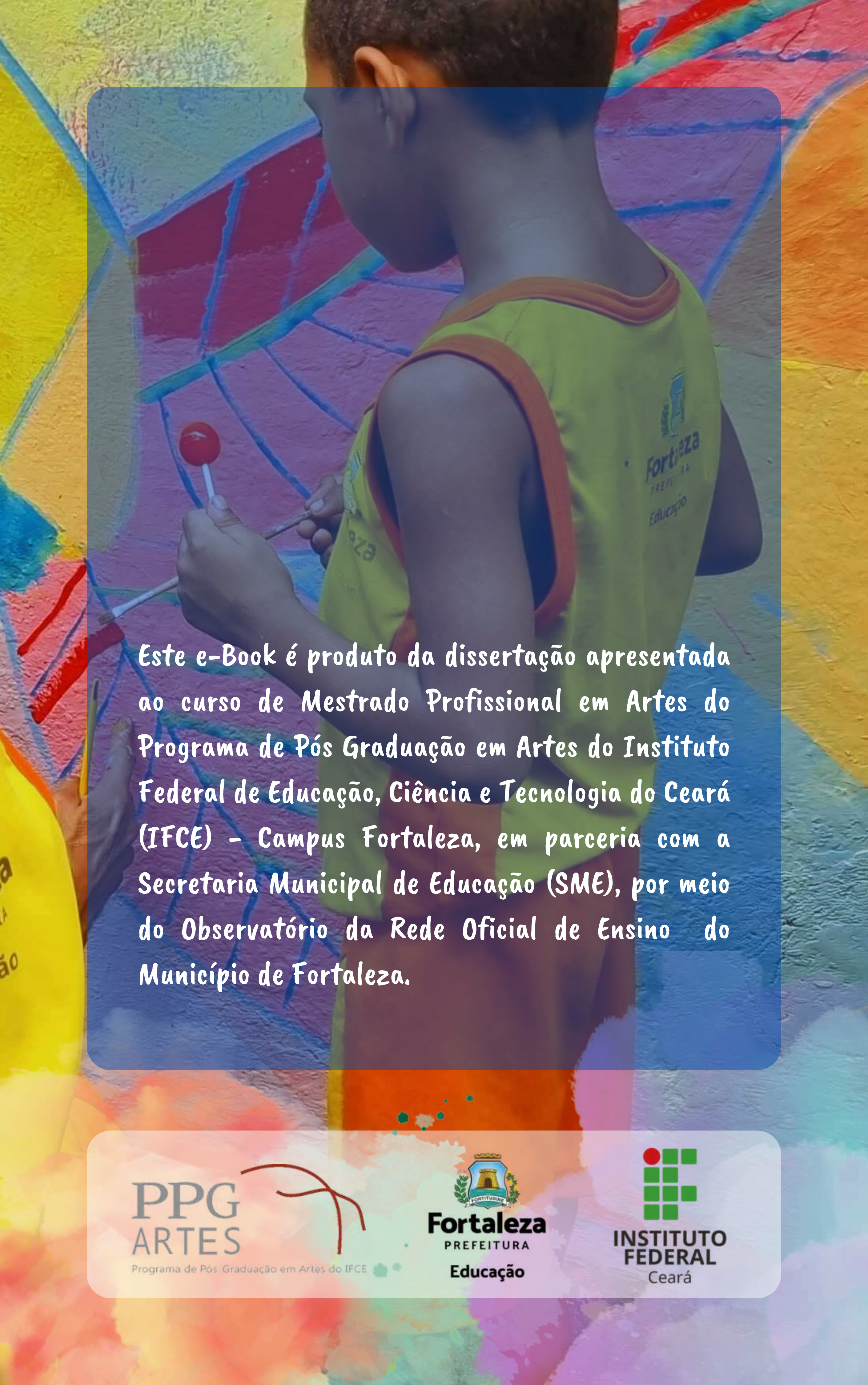
PASSEGGI, M. da C. *Reflexividade narrativa e poder auto (transformador)*. *PráxisEducativa*, [S. l.], v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021. DOI:10.22481/praxisedu.v17i44.8018. Disponível em: [BARBOSA, A.M. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.](#)



Sobre a autora



Francisca Eleneide Xavier Ávila, mais conhecida como Neide Ávila é natural de General Sampaio-CE e transita entre arte e educação. Mora há 10 anos em Fortaleza-CE, onde iniciou sua trajetória como educadora, artista visual e pesquisadora. Atua como Professora Pedagoga da rede municipal de ensino de Fortaleza-CE, é mestranda em Artes pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Pesquisa sobre Artes Visuais na Educação Infantil e suas contribuições ao processo de desenvolvimento da criança como sujeito da experiência.



Este e-Book é produto da dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME), por meio do Observatório da Rede Oficial de Ensino do Município de Fortaleza.

PPG
ARTES

Programa de Pós-Graduação em Artes do IFCE



Fortaleza
PREFEITURA
Educação



**INSTITUTO
FEDERAL**
Ceará